

PARTE I – Formulário

Introdução ao Formulário do INDL

A produção de conhecimento sobre as línguas tem seu escopo definido a partir de algumas temáticas centrais para a metodologia do INDL. Essas temáticas estão sistematizadas num formulário específico, um dos produtos dos inventários, apresentado nesta seção.

O formulário fornece um roteiro básico dos temas de pesquisa, mas em nenhuma maneira totaliza os processos de inventários ou produtos dos inventários. Como um roteiro, o formulário também não esgota as questões possíveis de investigação para cada tema sugerido. Na verdade, os pesquisadores são encorajados a ir além, cobrindo as questões propostas de cada tema e inovando com outras questões e temas pertinentes à situação sociolinguística específica em que estejam trabalhando. Essas informações adicionais podem ser fornecidas no próprio formulário, em campos específicos de observações e detalhamentos, bem como no relatório de pesquisa que é um dos produtos do INDL.

O objetivo do formulário é sintetizar e organizar o trabalho de pesquisa e baseia-se em questões padronizadas, visando a construção de um banco de conhecimentos sobre a diversidade linguística no Brasil.

O formulário está organizado em 6 *módulos*, com um conjunto de temas para cada um deles, conforme ilustrado a seguir:

1. IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

- Dados do proponente;
- Identificação da pesquisa;
- Escopo do inventário;
- Documentação de anuência;
- Avaliação sobre as informações fornecidas;
- Identificação da área de abrangência da pesquisa.

2. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL

- Identificação das localidades onde a língua é falada;
- Caracterização do território da língua.

3. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LINGUÍSTICA

- Identificação da comunidade linguística;
- População da comunidade linguística;
- Caracterização da comunidade linguística.

4. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA DE REFERÊNCIA

- Denominações;
- Modalidade da língua;
- Historicidade;
- Língua e variedades;
- Situação político-jurídica;

- Recursos documentais;
- Pessoas de referência;
- Instituições.

5. DIAGNÓSTICO SOCIOLINGUÍSTICO

- Falantes;
- Aquisição;
- Transmissão da língua de referência;
- Escrita e leitura;
- Situações de uso;
- Atitudes linguísticas na comunidade;
- Síntese.

6. AVALIAÇÃO DA VITALIDADE LINGUÍSTICA, REVITALIZAÇÃO E PROMOÇÃO

- Ações de revitalização e promoção;
- Vitalidade linguística.

O primeiro módulo, IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA, é de apresentação à pesquisa, incluindo dados sobre o proponente e metadados. Deve ser respondido uma única vez por cada pesquisa, mesmo que seja um inventário regional. Já os demais módulos deverão ser respondidos para cada língua a ser inventariada. Ou seja, se uma pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre uma única língua, ela deverá responder uma única vez cada um dos módulos. Mas se a pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre cinco línguas, ela irá responder o módulo PESQUISA uma única vez, e aos demais módulos, separadamente, para cada uma das cinco línguas.

Os Módulos de 2 a 6 reúnem um conjunto de temas destinados à produção de conhecimentos e cada tema contém uma gama de itens e questões. Todos os temas deverão ser objeto de pesquisa e mobilização social dos inventários. No entanto, nem todos os itens de um tema são necessários para os *INVENTÁRIOS BÁSICOS*. Outros itens são objetos específicos do *ACERVO DIGITAL* (cf. Seção 6.4, do volume I).

Para facilitar a visualização do escopo diferenciado entre inventários básicos e amplos, e entre as naturezas de cada item de acervo digital e de preenchimento automática, usamos um sistema de cores para cada tipo de item em particular, conforme ilustrado abaixo:

- Inventário básico
- Inventário amplo
- Acervo Digital

Com relação à natureza dos dados, aos procedimentos implícitos para a pesquisa sobre esses dados e ao tipo de resposta requerida, existem dois tipos de informação que são solicitados pelos itens do formulário. São eles:

IDENTIFICAÇÃO: informações objetivas com respostas sumárias e de caráter horizontal, cuja produção de conhecimento pode ser realizada por observações empíricas em levantamentos de campo, amostragens e/ou estimativas decorrentes de observações e conhecimentos prévios.

CARACTERIZAÇÃO: os itens de caracterização tendem a ser um desdobramento dos itens sumários de identificação. São informações com base em análises e sínteses de dados de diferentes naturezas, com respostas de caráter descritivo e ensaístico, cuja produção de conhecimento requer uma combinação de dados empíricos e objetivos com pesquisas em fontes secundárias, holísticas e qualitativas.

Módulo 1

Identificação da Pesquisa

Este é o espaço para identificação do proponente, do projeto e de parte dos metadados, ou seja, informações sobre o conteúdo disponibilizado no que diz respeito à sua natureza, fontes, abrangência e metodologia de levantamento. Este módulo não corresponde propriamente a um tema de pesquisa, mas nele estão contidas questões preliminares sobre o modo como a pesquisa foi organizada, além de um conjunto de informações preliminares para informar aos leitores sobre sua natureza.

1. Dados do proponente

Nos campos a seguir, preencha com os dados do responsável pelo inventário: nome da instituição e seu endereço, nome do(s) responsável/veis pela pesquisa, formas de contato (da instituição e do responsável, se possível), o tipo de instituição e as credenciais da equipe, ou seja, um conjunto de informações básicas sobre a experiência dos membros da equipe, sua experiência com a(s) língua(s) inventariada(s) com a(s) comunidade(s) linguística(s) em questão e outras pesquisas correlatas.

Nome da Instituição	Museu Paraense Emílio Goeldi
Nome do responsável pela instituição	Nilson Gabas Junior
Endereço da Instituição	Av. Magalhães Barata, 376 – São Braz – 66040-170 Belém/PA
Nome do responsável pela pesquisa	Wesley Nascimento dos Santos
Contatos (e-mail e telefone) do responsável pela pesquisa	[telefone anonimizado] [telefone anonimizado] (Whatsapp) e-mail: wesley.nascimento.go@gmail.com
Tipo de Instituição (Utilize a tabela de códigos a seguir para indicar o tipo de instituição)	[4]

Tabela de códigos - Tipos de Instituição	
[1] Associação/Representação de falantes	[6] Instituição Pública Municipal
[2] Terceiro Setor	[7] Ponto de cultura ou similar
[3] Instituição Privada	[8] Instituição Religiosa
[4] Instituição Pública Federal	[9] Fundação
[5] Instituição Pública Estadual/Distrital	[10] Outra (<i>especificar</i>)

Credenciais da equipe

O pesquisador Wesley Nascimentos dos Santos é aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP, durante o período de execução do Levantamento. A realização do levantamento foi supervisionada por Denny Moore, linguista com larga experiência de trabalho com grupos indígenas em Rondônia e que membro do GT da Diversidade Linguística no IPHAN, representante do MPEG para o INDL.

2. Identificação da pesquisa

2.1 Nome de identificação da pesquisa

Identifique no campo abaixo a pesquisa. Sugere-se nomear o projeto a partir da identificação da língua, da comunidade linguística ou de uma região multilíngue. Por exemplo, “Inventário da língua juruna”, “Inventário da região do lavrado de Roraima”, etc.

Inventário da língua Kawahiba dos Amondawa (família linguísticaTupi-Guarani)

2.2 Objetivo da pesquisa

Nos campos abaixo, indique o objetivo da produção de conhecimento apresentada através deste formulário, assim como a(s) língua(s) correspondente(s) cuja inclusão no INDL é solicitada.

<input checked="" type="checkbox"/> Produção de conhecimento para inclusão no INDL	De qual/quais língua(s)?
<input type="checkbox"/> Produção de conhecimento de língua já incluída no INDL	De qual/quais língua(s)?
<input type="checkbox"/> Outro. Explique:	Qual? Sobre qual/quais língua(s)?

2.3 Identificação e síntese da(s) língua(s)

Faça um breve texto descritivo, contendo uma síntese de informações e dados levantados durante a pesquisa sobre as línguas inventariadas, como, por exemplo, nome da língua, região de origem, localidades onde a língua é falada, número estimado de falantes, etc. Crie um novo campo para cada língua inventariada.

Nome da língua: Kawahiba dos Amondawa

Síntese:

A pesquisa de campo com o grupo Amondawa, povo Kawahiba, família Tupi-Guarani, tronco Tupi, levantou todos os dados que a Guia do IPHAN solicitara. Desse modo, todos os módulos foram atendidos, desde a identificação onde a língua é falada, suas denominações até o número de falantes e sua transmissão e aquisição pelas crianças.

3. Escopo do inventário

Selecione a opção quanto ao Escopo do Inventário. O inventário básico contém o mínimo necessário para a inclusão no INDL. O inventário amplo contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre uma ou mais línguas. Ambas as possibilidades de inventários possuem a mesma natureza de produtos (formulário, relatório e acervo digital).

Inventário básico
 Inventário amplo

4. Documentação de Anuência

4.1 Anuência à pesquisa

Anexe documentação comprobatória de anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa. Se o

proponente for uma organização com representantes da própria comunidade, esse é o espaço para que isso seja informado. Se o proponente for organização de fora da comunidade, faz-se necessária a anexação de documentação impressa ou audiovisual conforme normatização pertinente (consultara Seção 4.2, Volume I do Guia, para obter informações sobre anuências”. O Suplemento Metodológico traz exemplos de documentação de anuência.

ANUÊNCIA

A comunidade linguística Amondawa de Rondônia vem, por meio deste, afirmar nossa anuência com o levantamento da nossa língua, como parte do Inventário Nacional de Diversidade Linguística. Temos ideias para o fortalecimento da nossa língua e cultura verbal tradicional e estamos preparados para trabalhar com o IPHAN para realizar as medidas desejáveis.

Nome: PURUWA AMONDAWA

Lugar: ALDEIA TRINCHÊIA

Data: 08-02-2017

Nome: Tarumba

Lugar: ALDEIA TRINCHÊIA

Data: 08-02-2017

Nome: _____

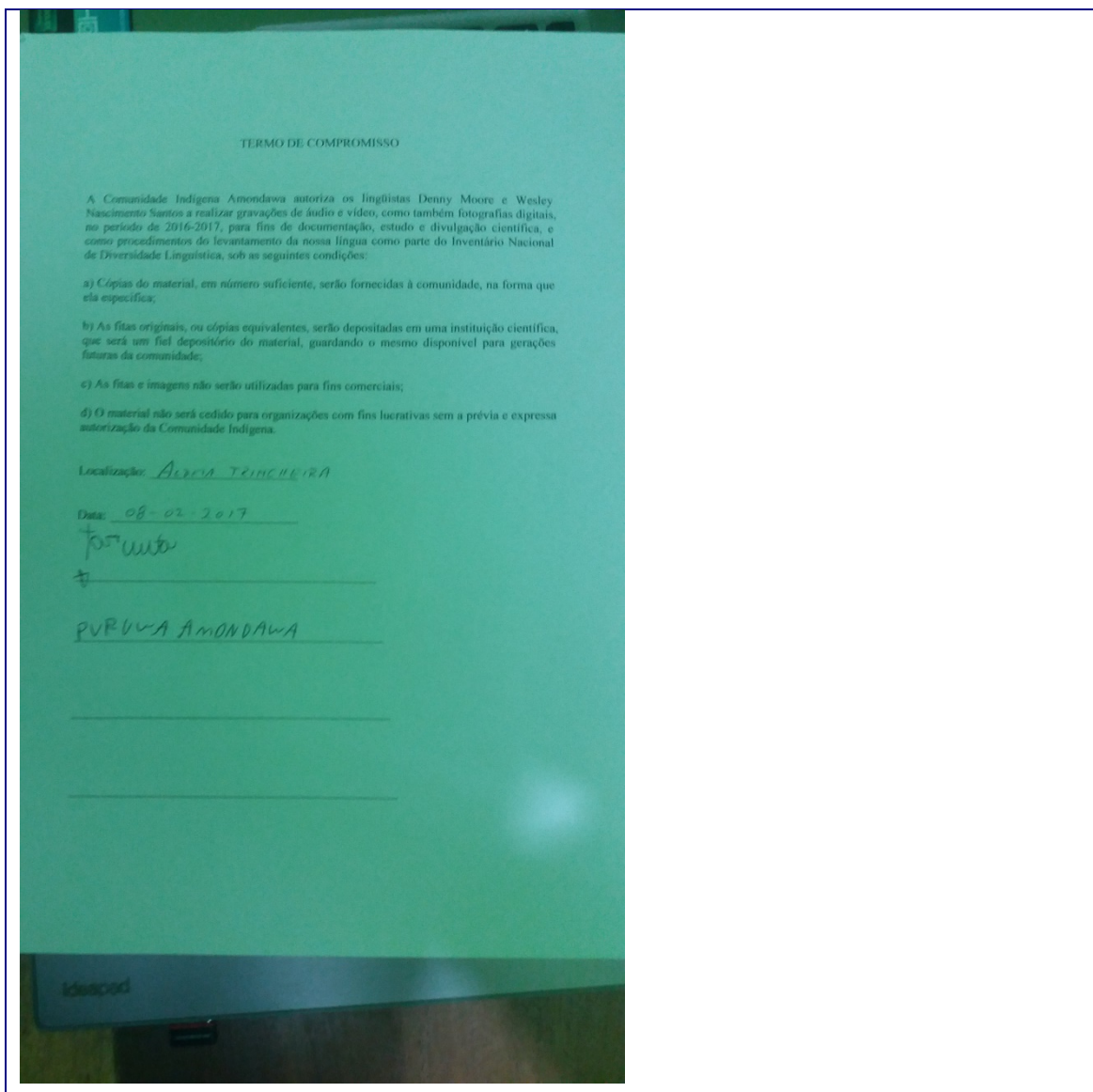
Lugar: _____

Data: _____

Nome: _____

Lugar: _____

Data: _____



4.2 Pedido de reconhecimento

Anexe documentação (escrita ou audiovisual) em que a comunidade manifeste petição ou concordância para a inclusão da língua no INDL..

Ver Arquivo *Anuência para inclusão no INDL Amondawa*

5. Avaliação sobre as informações fornecidas

Neste item, espera-se que os proponentes realizem uma autoavaliação das informações que inscreverem no formulário quanto à abrangência e à natureza dos dados, além de fornecer informações sobre fontes e escopo das pesquisas. Demais informações e aprofundamentos sobre metodologia e execução das pesquisas devem ser fornecidas no relatório de pesquisa – sugere-se que as equipes indiquem nos campos de observação do formulário em qual seção do seu relatório estão disponíveis tais dados (para mais informações sobre fontes, abrangência e técnicas de produção de dados, consultar o Volume I do Guia).

5.1 Fontes dos dados

As perguntas deste item dizem respeito às fontes de dados utilizadas pela pesquisa, isto é, se houve trabalho em campo para geração de dados originais e/ou atualização de dados secundários.

- Houve pesquisa de campo para a produção de dados originais?

Marque com um X a opção adequada.

<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
---	------------------------------

- Quais dados do formulário foram produzidos e/ou atualizados em campo?

Liste os itens do formulário para os quais houve produção de dados originais em campo. Ex.: Módulo Identificação e caracterização da língua de referência – 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas; Módulo Diagnóstico sociolinguístico – 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão.

Todos os itens do formulário foram produzidos em campo, desde a identificação da língua ao número de falantes e sua vitalidade.

- Com relação aos dados secundários, explique sumariamente:

Preencha com as informações requeridas.

Quais tipos de dados foram atualizados em campo?	Dada a quase inexistência de dados sobre a língua, houve somente produção de dados.
Para quais tipos de dados houve pouca ou nenhuma atualização?	Todos os dados requisitados pela guia foram produzidos satisfatoriamente.

5.2 Fonte das informações do formulário

Os itens a seguir servem para identificar o modo como o levantamento da população da comunidade e do número de falantes foi realizado e como os tipos de falantes foram definidos em cada pesquisa.

- Como foi feito o levantamento da população da comunidade?

Selecione uma das opções. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

<input checked="" type="checkbox"/> levantamento populacional total <input type="checkbox"/> estimativa por amostragens <input type="checkbox"/> estimativa por dados secundários <input type="checkbox"/> outros
Observações:

- Como o número de falantes foi obtido?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

<input checked="" type="checkbox"/> levantamento populacional total <input type="checkbox"/> estimativa por amostragens <input type="checkbox"/> estimativa por dados secundários <input type="checkbox"/> outros
Observações:

- Como foram aferidos os tipos de falantes?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento realizado para aferir tipos de falantes no quadro de observações.

<input type="checkbox"/> testes de proficiência <input type="checkbox"/> autodeclaração <input type="checkbox"/> pesquisador falante <input checked="" type="checkbox"/> conhecimento geral de pessoa chave <input type="checkbox"/> outros
Observações:

5.3 Aprofundamento das informações

Listar as principais áreas do formulário que necessitam de aprofundamento de informações, referenciando o item do formulário correspondente. Neste espaço, os proponentes são convidados a fazer uma autocrítica e informar quais campos do formulário necessitam de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas.

Item	Especificar necessidade de aprofundamento

6. Identificação da área de abrangência da pesquisa

Neste item, é identificada a área de abrangência da pesquisa, contemplando sua denominação, sua delimitação geográfica e sua abrangência em relação aos países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que a compõem (consultar Seções 4 e 5 do Volume I do GUIA para questões sobre territorialidade e delimitação geodemográfica da pesquisa).

6.1. Nome para identificação da área de abrangência da pesquisa

Exemplos: “Território da Língua Guarani Mbya”; “Comunidade Pomerana do Espírito Santo”, etc.

Povo Kawahiba Amondawa

6.2 A área de abrangência da pesquisa foi escolhida com base:

Assinale a alternativa adequada.

<input type="checkbox"/> num recorte limitado das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua) <input checked="" type="checkbox"/> na totalidade das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua) <input type="checkbox"/> numa região com várias línguas (inventário regional)

6.3 Delimitação da abrangência da pesquisa

Identifique e nomeie países, estados, municípios, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas (quando for o caso) abrangidos pela pesquisa em questão.

	Quantos?	Quais?
Países	1	Brasil
Estados	1	Rondônia

Municípios	1	Mirante da Serra
Terras Indígenas	1	Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau
Territórios Quilombolas		

6.4 Identificação das localidades de pesquisa

No quadro a seguir, utilize linhas diferentes para cada localidade dentro da área de abrangência da pesquisa. Informe o nome da localidade em português, se houve visita *in loco* pela pesquisa (ou seja, se houve trabalho de campo naquela localidade), as coordenadas geográficas correspondentes para cada localidade, a localização geográfica e as línguas faladas na localidade junto com o número **estimado** de falantes por língua [inventários amplos]. Utilize quantas linhas forem necessárias para acrescentar mais línguas.

Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	Número de falantes por língua identificados pela pesquisa
Aldeia Trinchreira/Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau	[x] sim [] não	-11.066396 (Lat. (X)) -62.952071 (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Mirante da Serra	[] Urbano [x] Rural	[] Unidade de conservação ambiental [x] Terra Indígena [] Território Quilombola [] Localidade de litígio fundiário [] Sem estatuto jurídico especial	Kawahiba dos Amondawa	81

➤ *Se houver interesse, preencha o formulário de cadastramento para as demais línguas que foram identificadas na área de abrangência de pesquisa, mas que não são objetos desse levantamento.*

6.5 Área(s) focal(is) da pesquisa

Se o inventário delimitou uma ou mais áreas focais de pesquisa, identifique-as no quadro abaixo (preencha um quadro para cada área focal delimitada pelo inventário).

Denominação da área focal	
Localidades circunscritas à área focal	
Motivações Por quais razões o inventário delimitou essa área focal? Que tipos de questões de	
Que tipos de pesquisa ela serviu para responder?	

6.6 Mapa(s)

Anexe / faça o upload de mapas que representem a área de abrangência da pesquisa

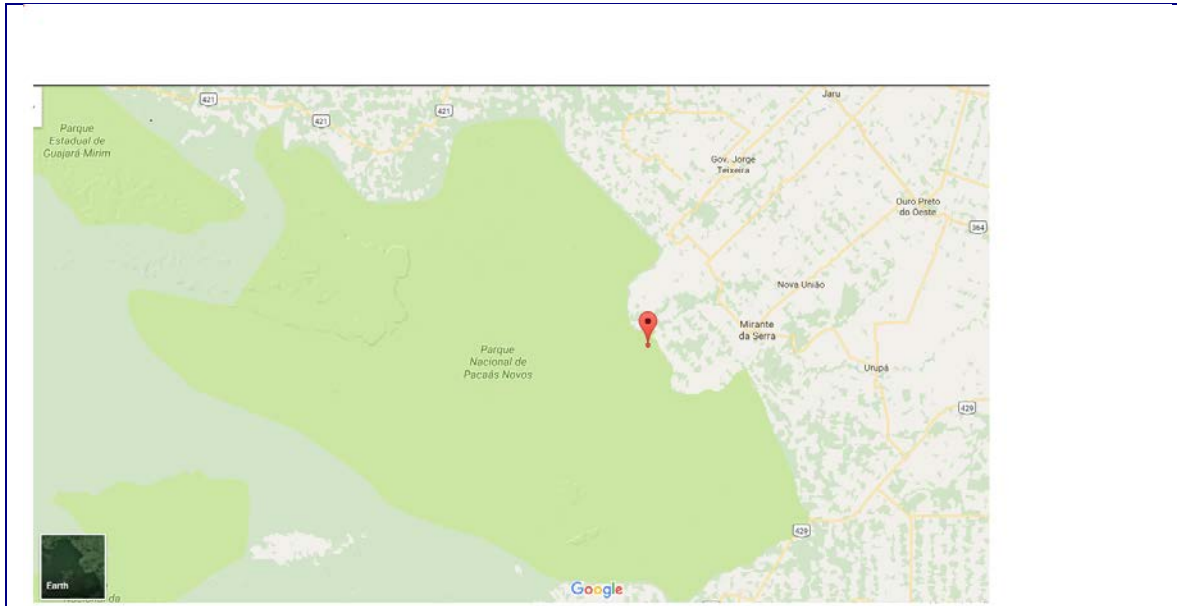


Figura 1. Localização da Aldeia Trincheira dentro da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau, sob a qual também está sobreposto o Parque Nacional dos Pacáas Novos, em Rondônia.

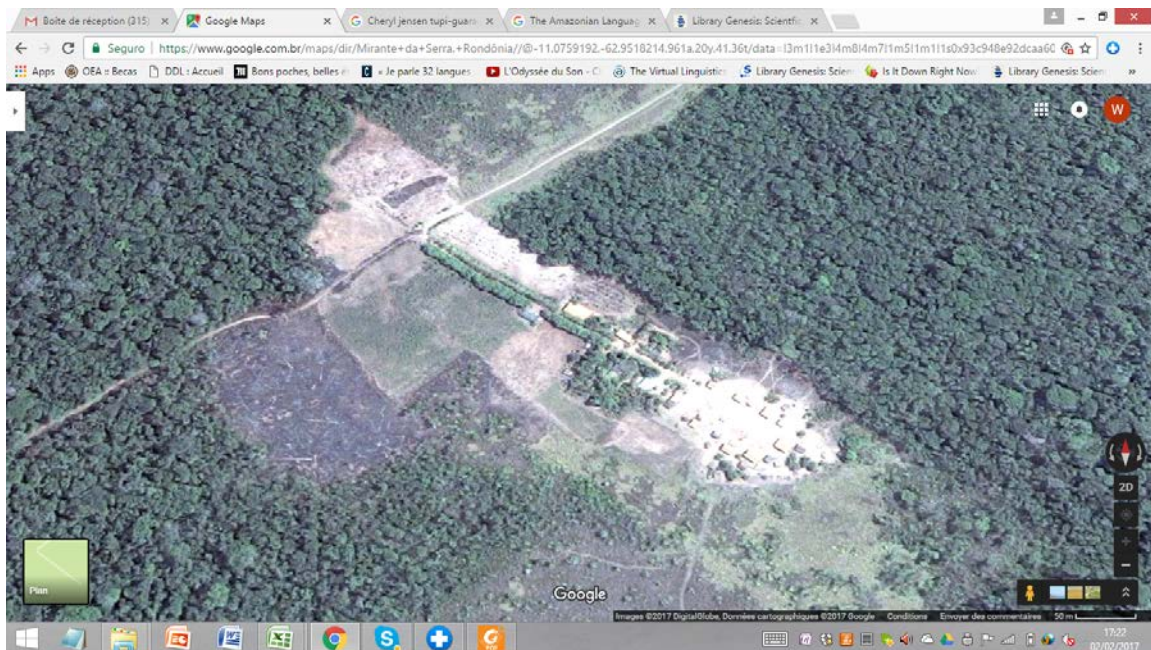


Figura 2. Aldeia Trincheira vista do alto.

Módulo 2

Caracterização Territorial

Este módulo do formulário do INDL abrange a identificação dos lugares onde é falada a língua de referência, bem como a delimitação e caracterização do território dessa língua. Além das informações do formulário, as principais localidades de ocorrência da língua também devem ser objeto de documentação audiovisual através da produção de fotos e vídeos. Lembre-se de que a partir desse módulo, os proponentes dos inventários regionais deverão preencher um formulário para cada língua de referência.

1. Identificação das localidades onde a língua é falada

Neste espaço, serão identificadas as localidades de ocorrência da língua de referência, dentro da área de abrangência da pesquisa, além daqueles onde a língua ocorre fora da área levantada pela pesquisa.

1.1 Localidades de ocorrência da língua fora da área de abrangência da pesquisa

Assinale a opção adequada. Caso confirme a existência de localidades onde haja falantes da língua de referência fora da área de abrangência da pesquisa e tais localidades sejam conhecidas, preencha o quadro em 1.1.1 (somente preencha o quadro 1.1.1 se estiver seguro das informações fornecidas).

- Existem localidades onde há falantes da língua de referência, mas que estão fora da área de abrangência da pesquisa?

<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
Obs.: há um indígena Amondawa fora da aldeia, que mora na cidade de Ji-Paraná.	

1.1.1 Identificação de localidades de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa.

Nome da localidade em Português	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade
Ji-Paraná	(Lat. (X)): 10° 53' 07" S	País: Brasil	<input checked="" type="checkbox"/> Urbano	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental
Localização do único falante que mora em área urbana	(Long. (Y)): 61° 57' 06" W	Estado: Rondônia Município: Ji-Paraná	<input type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial

1.2 Localidades de ocorrência da língua na área de abrangência da pesquisa

Preenchimento automático da(s) localidade(s) de ocorrência da língua de referência conforme listados no Item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa (para a versão impressa, copie e cole na tabela abaixo as localidades onde foi identificada a língua de referência). Para inventários amplos, solicita-se o preenchimento do nome de cada localidade na língua de referência (quando houver).

Selecione, no espaço apropriado, as localidades que fazem parte da área correspondente à **comunidade de referência** da língua. Se a pesquisa não fez uma distinção entre comunidade linguística e comunidade de referência, todas as localidades deverão ser selecionadas. Compreende-se a comunidade de referência como os grupos sociais

com os quais o inventário teve maior interação, resultando em ações de mobilização social e produção de conhecimentos mais consistentes. Conferir Volume I, seção 4, do Volume, para obter maiores detalhes sobre essas noções.

Nome da localidade em Português	Aldeia Trincheira
<i>Nome da localidade da língua de referência</i>	
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[x] Sim [] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[x] Sim [] Não

2. Caracterização do território da língua

2.1 Padrão de distribuição geográfica das localidades de ocorrência da língua

- Com relação à população falante da língua

Marque no quadro abaixo a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência.

- | |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Concentrada em uma área geográfica
<input type="checkbox"/> Dispersa em áreas geográficas descontínuas |
|---|

- Com relação ao padrão de residência em locais urbanos

Para cada linha, marque a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência em relação aos espaços rurais e urbanos.

- | |
|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente rural e há poucos falantes em áreas urbanas
<input type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente rural , mas há muitos falantes em áreas urbanas
<input type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente urbana
<input type="checkbox"/> Há um movimento crescente de migração dos falantes para áreas urbanas
<input checked="" type="checkbox"/> Não há movimentos significativos de migração dos falantes para áreas urbanas |
|--|

2.2. Caracterização da área da comunidade de referência da língua

Para todas as localidades na área da comunidade de referência, preencha as informações do quadro abaixo. Utilize um quadro para cada localidade. Utilize o mesmo nome para a localidade que foi utilizado no quadro 6.4 do módulo de identificação da pesquisa.

Nome da Localidade	Aldeia Trincheira
---------------------------	-------------------

<p>Demografia Marque um “x” na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> População de falantes da língua é majoritária <input type="checkbox"/> População de falantes da língua é minoritária <input type="checkbox"/> População de falantes e não falantes é equilibrada (\pm 50% para cada)</p>
<p>Temporalidade Marque um “x” na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referência vive nesta localidade</p>	<p><input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 25 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há mais de 100 anos</p>
<p>Infraestrutura Marque um “x” nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> Possui rede de eletricidade <input type="checkbox"/> Possui atendimento permanente de saúde <input checked="" type="checkbox"/> Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos</p>
<p>Economia Marque um “x” na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais <input type="checkbox"/> A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais</p>
<p>Observações:</p>	

2.2.1 Síntese das características da área da comunidade de referência da língua

Sintetizar as características sociais, culturais, geográficas, ecológicas e econômicas da área ocupada pela comunidade de referência da língua para a pesquisa. Ressalte quaisquer fatores de ameaça que possam colocar em risco os grupos sociais que vivam na área pesquisada. Caracterize as localidades de forma apropriada, buscando ressaltar as semelhanças e diferenças entre elas. Se área de pesquisa for muito diversificada, caracterize essa diversidade.

Características sociais

A comunidade mantém relações amistosas entre si e a sociedade não indígena que vive próximo à aldeia. Há não indígenas que vivem a menos de 4km da aldeia, pois a entrada desta é próximo a uma estrada vicinal conhecida como Linha do KM81, ou Linha 81. Os indígenas Amondawa, às vezes, vendem produtos, como milho e farinha, para os não indígenas que vivem próximos à aldeia.

Características geográficas

Os Amondawa vivem na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, que tem pouco mais de um milhão e 800 mil hectares. Além dos Amondawa, também estão na T.I os seus parentes Uru-Eu-Wau-Wau, e outros povos isolados. Dentre estes há um povo que os Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau reconhecem como Kawahiba, e outro ao qual chamam de Wyrapararakwara, que significa “indígenas de flecha grande”.

A essa T.I, está sobreposta a área ambiental Parque Nacional de Pacáas Novos, que conta com

mais de 700 mil hectares.

O acesso à aldeia não é fácil, uma vez que há somente uma linha vicinal que permite seu acesso por carro, moto e mesmo ônibus durante os dias úteis. Fica a 50km da cidade de Mirante da Serra, e desta é possível fretar um táxi até a aldeia.

Características ecológicas

Área preservada pelos índios, sem sinais de desmatamento ou exploração ilegal de madeira. Não há rios próximos à aldeia, mas há igarapés, segundo os indígenas, a alguns quilômetros. Não mais que 8km. Várias aves de diferentes espécies são vistas sobrevoando a aldeia. Também foram avistados macacos preto e, por vezes, os indígenas relatam a presença de onças a alguns quilômetros da aldeia quando estão caçando à noite.

Econômicas

O meio de subsistência é o cultivo de arroz, feijão, mandioca e milho. Boa parte da safra é vendida nas cidades vizinhas, e é a fonte de renda de boa parte dos Amondawa. Há também a “casa da farinha”, fonte de renda para a outra parte. Uma minoria tem acesso a benefícios sociais, como o Bolsa Família, e alguns idosos são aposentados.

Alguns homens de meia idade caçam frequentemente. Contudo, reportam que há pouca caça em qualquer época do ano.

Não há a possibilidade de pesca, pois não há rios por perto. Por isso, foram construídas três represas, das quais uma estava em funcionamento, e contava com peixes Surubim e Tambaqui.

Semelhanças e diferenças sociolinguísticas marcantes entre as localidades de ocorrência da língua

Só há um local de ocorrência da língua, a aldeia Trincheira.

Síntese das situações de risco para a comunidade linguística e a língua

Durante a pesquisa de campo na aldeia, nos meses de fevereiro e agosto, não houve qualquer sinal de algo que poderia ser considerado de risco para a comunidade linguística. A exceção foram alguns rumores de que moradores próximos à estrada vicinal entram esporadicamente na reserva para caçar e armar instrumentos de caça, o que prejudica a relação amistosa que há entre os índios e os não indígenas e pode, futuramente, causar algum desentendimento de grave risco para ambos os lados.

Apesar de não haver fatores que prejudiquem a língua dos Amondawa, como aqueles encontrados próximos às aldeias Uru-Eu-Wau-Wau, bem como dos Karipuna, que também são Kawahiba, quais sejam a extração ilegal de madeira de suas terras e a grilagem intermitente, os Amondawa, em especial o cacique Tari, demonstraram extrema preocupação com a situação dos seus parentes Uru-Eu-Wau-Wau. Como esses indígenas também estão na mesma Terra Indígena, eles creem que se a situação perdurar, a extração ilegal de madeira próximo à aldeia será inevitável.

A respeito das invasões próximas às aldeias dos Uru-Eu-Wau-Wau, confira os links de um *web* jornal local com matérias sobre o assunto no ano de 2017:

[http://amazoniareal.com.br/tem-grileiro-invadindo-nossas-terras-denunciam-indios-uru-eu-wau-wau-em-rondonia/;](http://amazoniareal.com.br/tem-grileiro-invadindo-nossas-terras-denunciam-indios-uru-eu-wau-wau-em-rondonia/)

[http://amazoniareal.com.br/cansados-de-esperar-por-pf-e-funai-indios-uru-eu-wau-wau-decidem-investigar-grilagem-de-terra/;](http://amazoniareal.com.br/cansados-de-esperar-por-pf-e-funai-indios-uru-eu-wau-wau-decidem-investigar-grilagem-de-terra/)

[http://amazoniareal.com.br/guerreiros-uru-eu-wau-wau-relatam-como-expulsaram-grileiros-da-terra-indigena/.](http://amazoniareal.com.br/guerreiros-uru-eu-wau-wau-relatam-como-expulsaram-grileiros-da-terra-indigena/)

2.3 Dados do acervo digital sobre as localidades

Utilize este item para anexar / fazer o upload de arquivos que caracterizem as localidades de ocorrência da língua: fotos, vídeos, mapas de cada localidade, croquis, etc. Para cada upload, é necessário informar do nome da localidade, utilizando o mesmo padrão de apresentação das localidades no item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa.

Nome do local	Anexar/ Fazer Upload de dados do acervo digital sobre as localidades
---------------	--

Figura 5. Casa da farinha



Figura 6. Casa da farinha



Figura 7. Tapiri. Espécie de sala de estar, onde os indígenas permanecem boa parte de seu dia.



Figura 8. Casas em modelo palafita.



Figura 9. Prateleiras de livros em Português na Escola Amondawa

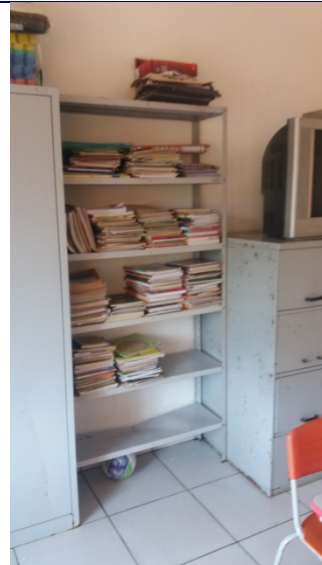


Figura 10. Escola Amondawa



Figura 11. Posto de saúde na aldeia Trincheira



2.4 Mapa(s) de distribuição geográfica da língua

Apresente um ou mais mapas (esboço, croqui, etc) que represente(m) a distribuição geográfica da língua.

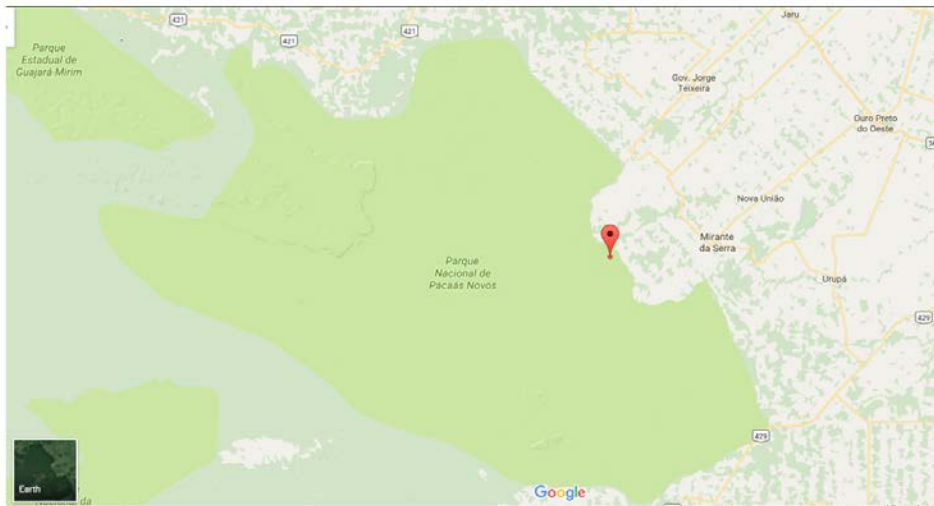


Figura 8. Localização da área onde a língua Kawahiba dos Amondawa é falada em relação à Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau.

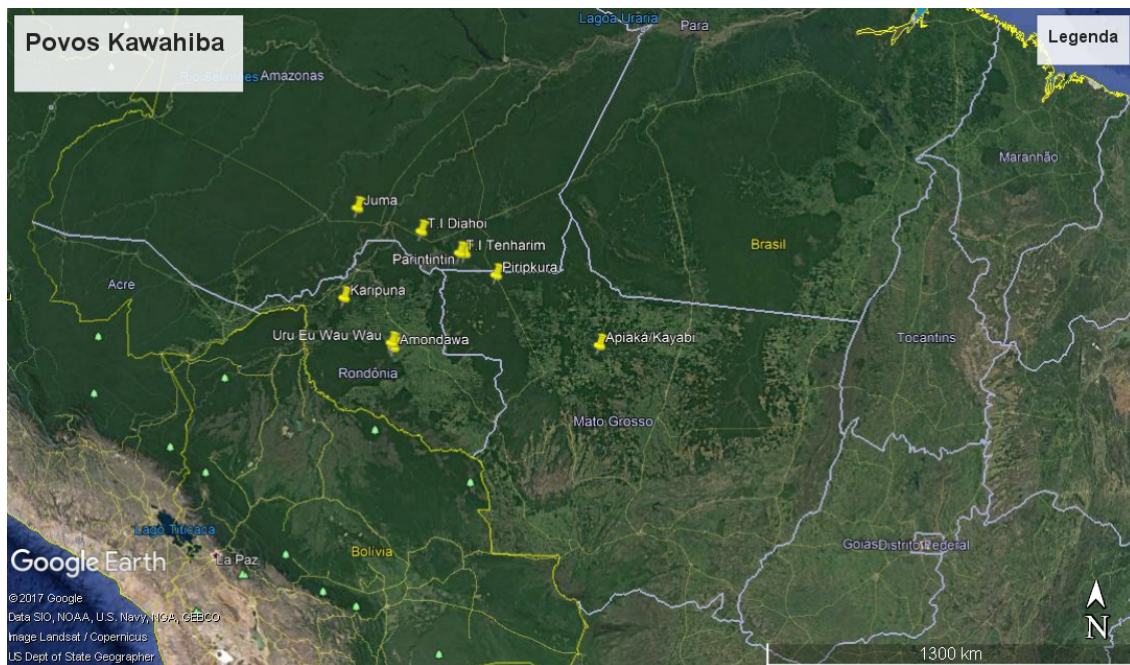


Figura 9. Localização atual dos Kawahiba em Rondônia, Amazonas e Mato Grosso.

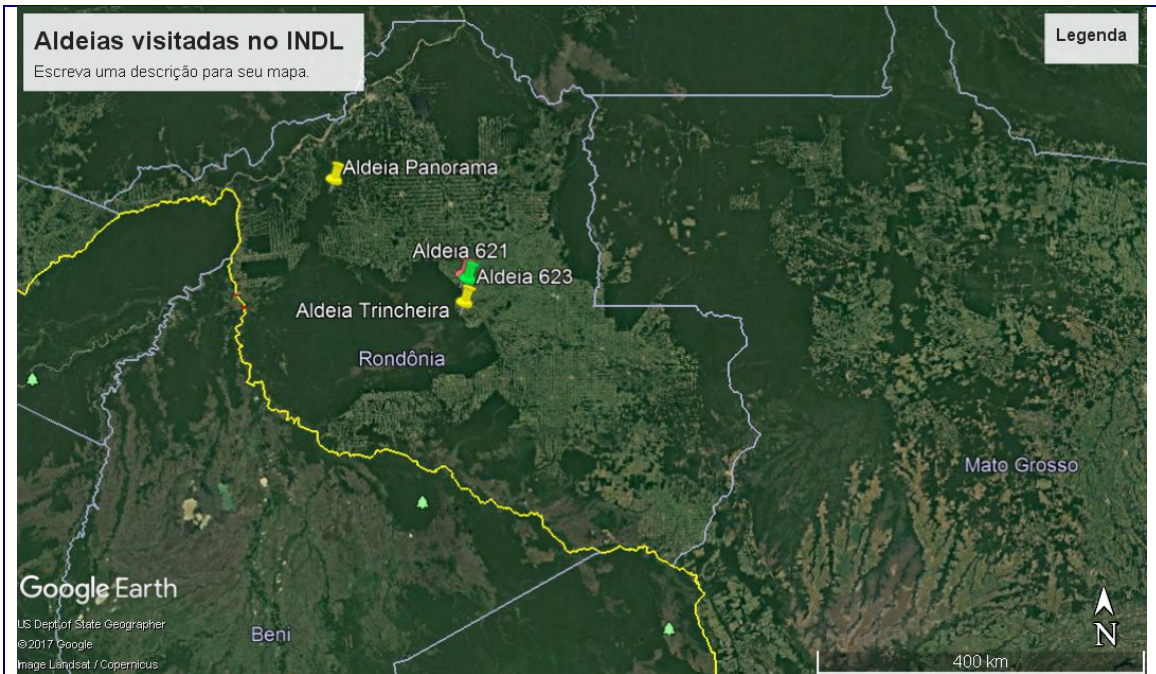


Figura 10. Aldeias dos Kawahiba de Rondônia visitadas durante o INDL.



Figura 11. Distribuição das casas Amondawa na aldeia Trincheira. Autoria de Tiago Amondawa.

Módulo 3

Comunidade Linguística

1. Identificação da comunidade linguística

A comunidade linguística pode ser classificada como:

Selecione a classificação adequada para a comunidade linguística.

<input checked="" type="checkbox"/> Indígena	→ Identificar a(s) etnia(s): Amondawa, povo Kawahiba, família Tupi-Guarani, tronco Tupi. Obs.: o povo Amondawa sempre conta que era um grupo junto dos demais povos Kawahiba, que são o Parintintim, o Tenharim, o Juma, o Diahoi, o Uru-Eu-Wau-Wau, o Capivari, o Karipuna, o Piripkura e o Apiaká.
<input type="checkbox"/> De imigração	→ Identificar país/região de origem:
<input type="checkbox"/> Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Outra. Explique	
<input type="checkbox"/> Não-especificada	

2. População da comunidade linguística

2.1 População identificada na pesquisa (comunidade de referência)

Informe, em números absolutos, a população de indivíduos da comunidade de referência identificada pela pesquisa.

132 pessoas vivem na aldeia Trancheira, dos quais quatro (4) são não indígenas, um (1) é Uru-Eu-Wau-Wau e uma (1) é Gavião

2.2 Estimativa da população total

Informe, em números absolutos, a(s) estimativa(s) do total de indivíduos da comunidade linguística (da própria pesquisa e/ou outras pesquisas disponíveis).

126 Amondawa

3. Caracterização da comunidade linguística

Para cada um dos subitens, produza um texto dissertativo que caracterize a comunidade linguística, com base nas questões propostas.

3.1 Histórico

Sintetize o contexto histórico da comunidade linguística, ressaltando os seguintes aspectos: **deslocamento geográfico** dos falantes (seu território atual e passado); eventos históricos que levaram os falantes a terem **contato com outras línguas**, além de outros aspectos e situações considerados pertinentes para este campo.

Tem sido atribuído o termo Kawahiba (Kagwahiva ~ Kawahiv ~ Kawahiva ~ Kawahiba) a um complexo dialetal composto por, no mínimo, oito dialetos ainda existentes e falados por diferentes etnias conhecidas como Uru-Eu-Wau-Wau (ou Jupa'u), Amondawa, Karipuna de Rondônia, Parintintim, Tenharim, Juma, Diahoi e Piripkura. Outro povo também pertencente ao pan-Kawahiba, mas já extinto, é o Capivari, do qual restou um falante de 97 anos, que mora com os Karitiana, povo do Tronco Tupi, família Arikém, em Rondônia. Outros dois povos que vivem em Mato Grosso, o Apiaká, cuja última falante morreu em 2013, e o Kayabi, são tidos como Kawahiba. No entanto, a filiação linguística desses povos ao pan-Kawahiba necessita de mais pesquisas. Isso principalmente quanto aos Kayabi, dos quais os Karipuna de Rondônia não se lembram de estarem juntos no passado durante suas migrações para “a terra onde o sol se põe, o oeste”. Há ainda povos que vivem em isolamento na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, entre os quais os Urupain, que são Kawahiba, segundo os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau, bem como povos de não filiação ao pan-Kawahiba, chamados pelos Kawahiba de Wyrparyrekwara, “aqueles de flecha grande”.

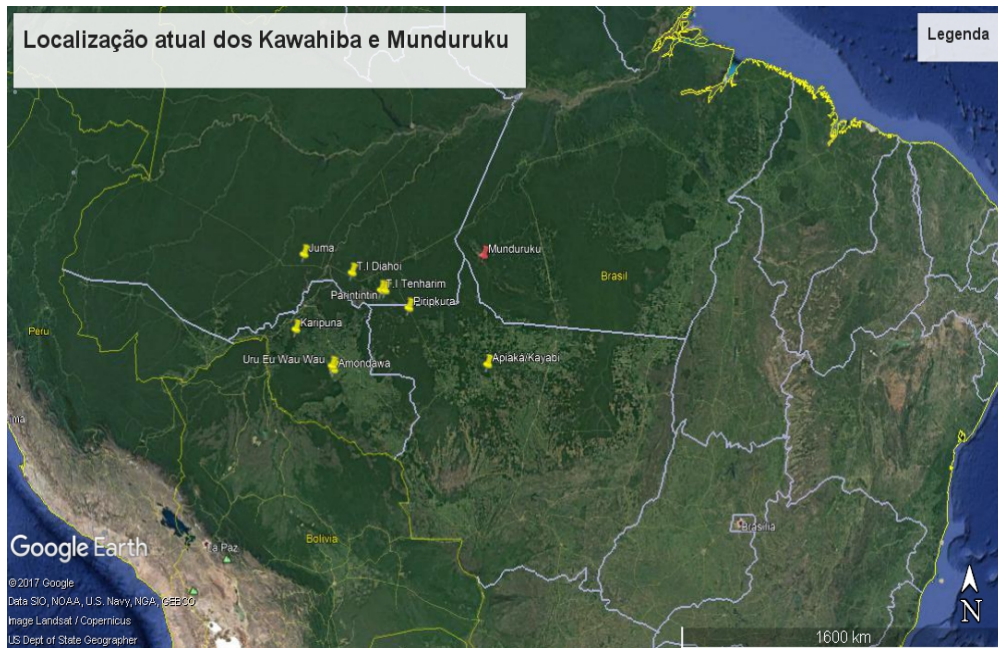
Outros dialetos, dado como extintos, caso dos Kawahiba que habitavam áreas próximas ao rio Machado, como os Paranawat (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944]) e Wiraféd (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944], 1955); também em um tributário deste mesmo rio, mais próximo do rio Muqui, caso dos Takwatip (NIMUENDAJÚ, 1948, 1981 [1944]; LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 379-439; MEIRELLES e MEIRELLES, 1981, p. 139-140); e os Ipotewát, no rio Machado, falavam dialetos desta língua. Lévi-Strauss (1955) também menciona grupos que já estavam quase em extinção à época e que moravam perto do rio Machado/Ji-Paraná, como os Tucumanfét e os Jabotiféd, e os já extintos no momento, os Mialat, que habitavam na região do rio Leitão, em 1938. O grupo conhecido como Piripkura (palavra Gavião que significa “borboleta”), atualmente em fase de contato, também fala um dialeto Kawahiba. Além disso, há um falante do dialeto Capivari com 97 anos e que mora com os Karitiana, outro povo Tupi, Segundo os Karipuna, esse povo que andava próximo à região do Rio Capivari, em Rondônia.

Historicamente, há evidências de que essas etnias pertenceram a um ancestral comum, dados os relatos que os próprios Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna contam a respeito do histórico de migração do povo. Dizem eles que antigamente todos os indígenas Kawahiba estavam juntos e, então, se separaram, principalmente, por conta de brigas internas cuja motivação é sempre tratada como um tabu.

Um mapa etno-histórico de Nimuendajú (1981 [1944]); cf. Mapa 2 na seção ANEXOS) aponta que os grupos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna - e possivelmente os demais povos Kawahiba que estiveram em Rondônia - provêm de um dos três grupos que se separaram do ancestral comum que habitava a foz do rio Tapajós quando fugiram, espremidos pelos Munduruku - outro povo Tupi -

seus inimigos à época. A figura a seguir identifica a localização atual dos Munduruku e dos povos Kawahiba.

Figura 12. Localização atual dos Kawahiba e Munduruku



Um desses povos, possivelmente os Parintintim e Tenharim, se refugiou próximo ao rio Marmelos; outro, os Apiaká, cuja língua se encontra extinta, se estabeleceu próximo ao Alto Tapajóz; e, por último, temos os remanescentes dos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna e Capivari, que teriam entrado em Rondônia pelos afluentes do rio Madeira, rios Jaci-Paraná e Jamari (LEONEL, 1995, p. 33).

Os primeiros relatos sistemáticos a respeito dos Kawahiba nos são dados por Nimuendajú (1924; 1948), quando este foi designado pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) para fazer o primeiro contato com os indígenas Kawahiba do rio Madeira, no Amazonas, que, neste caso, eram pertencentes à etnia Parintintim:

No século 18, uma tribo chamada Cabahica viveu no Alto Tapajóz, entre as confluências do rio Arinos e Juruena e na foz do rio São Manoel. A informação sobre essa tribo é escassa, parcialmente pelo fato de que ela nunca viveu nas margens de algum grande rio, diferentemente de seus vizinhos, os Apiaká (NIMUENDAJÚ, 1948, p. 283).

Os anciãos Uru-Eu-Wau-Wau da linha 621, o casal Boakara e Manda, e os da linha 623, Paijupi e Borea, lembram que nos tempos antigos estavam juntos com os povos Tenharim e Amondawa. Borea

ainda conta que encontraram com os Karitiana durante suas migrações, grupo da família Arikém do tronco Tupi, que se localiza no extremo norte do estado de Rondônia; e com os Apiaká, da Família Tupi-Guarani, Tronco Tupi. Este povo tem sido considerado na literatura como também um povo Kawahiba. Os povos Kawahiba mencionados se dispersaram devido aos ataques dos não indígenas àquela época. Além disso, brigas internas levaram os hoje Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna, Capivaria e Tenharim a se separarem posteriormente.

Ainda por conta dessas brigas, houve mais dispersões. Dessa vez, os Uru-Eu-Wau-Wau se deslocaram para um lugar chamado de Comandante Ary, em Rondônia. Lá, tiveram contato com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) na década de 80, numa expedição organizada pelos sertanistas Zebel, Apoena Meireles e outros indígenas de povos residentes em Rondônia, os quais tinham o objetivo de salvar os Kawahiba de um iminente encontro fatal para os indígenas. Ademais, dentre os indígenas que ajudaram na expedição, estavam presentes indígenas de povos Paiter Suruí, Tenharim e Wari.

Esse contato foi responsável pela morte de boa parte dos Kawahiba. Alguns ainda tentaram voltar e ir até os Amondawa. Já contaminados, também levaram doenças, o que ocasionou a morte de indivíduos Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau à época.

Já os Karipuna se lembram de que seus antepassados contavam que todos os Kawahiba estavam juntos. Esses Kawahiba eram os Tenharim, os Parintintin, os Amondawa, os Diahoi, os Juma, os Piripkura e os Uru-Eu-Wau-Wau na região atualmente estado de Mato Grosso. Nessas andanças, seus antepassados contavam que se lembravam até de que guerrearam com os Xavante, povo Jê, que mora no Parque Indígena no Xingu. Saíram vitoriosos, principalmente porque eram muitos Kawahiba. Como bons Tupi, migravam constantemente. Durante essas migrações, alguns povos Kawahiba foram ficando em regiões que lhes apraziam. Esse foi o caso dos Piripkura, de quem hoje se sabe que há três falantes, Rita, casada com Aripã Karipuna e, por isso, vive boa parte do seu tempo na aldeia dos Karipuna, e seus irmãos, que preferiram o isolamento voluntário na T.I Piripkura, no estado do Mato Grosso.

Batiti Piripkura, exímio narrador das andanças do seu povo, e quem guardou boa parte daquilo que seus antepassados narravam, conta que os demais Kawahiba seguiram suas andanças sempre tendo como direção o “lugar onde o sol se põe”. “Queríamos conhecer as terras onde o sol se põe, porque viemos de onde ele nasce... de um lugar perto do mar”, diz ele. Após a dissidência dos Piripkura, os Kawahiba atravessaram o Rio Machado. A terra onde se encontravam agora já era no estado do Amazonas. Aqui, ficaram os Parintintim, Tenharim e Diahoi. Gostaram da região e decidiram se instalar por essas bandas desde já.

Seguiram viagem Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Karipuna, Capivari e Juma. Entraram

novamente em Rondônia subindo o rio Madeira e, desse agrupamento maior, partiram por outro sentido, os Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa. Disseram que sabiam onde se encontrar quando precisassem. Os Karipuna, Juma e Capivari subiram o rio chamado de Contra pelos Karipuna, e ficaram pelas suas margens até os Capivari decidirem também se separarem indo em direção às cabeceiras do Jacy-Paraná.

Tempos depois, os Juma e os Karipuna encontraram-se com povos Wari. Houve várias guerras, com várias mortes do lado dos Kawahiba, até que esses indígenas decidiram reunir todos os Kawahiba de Rondônia para extinguir os Wari, que já estavam até zombando das mortes dos Kawahiba. Desse modo, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa vieram de encontro aos demais Kawahiba e se uniram para a maior guerra que teriam contra a ameaça Wari.

Nesse momento, entusiasticamente, contam Batiti e Aripã, que até as crianças Kawahiba foram armadas com “bordunas” feitas de pupunheira. Localizada a grande aldeia dos Wari que, conforme Batiti, tinha mais de 600 Wari dentro de uma única maloca gigante, era a vez dos Kawahiba aguardarem o momento certo. Nesses dias os Wari estavam comemorando as mortes dos Kawahiba. Era festa, portanto. Passaram-se três dias cercando a aldeia dos Wari, até que um pajé Kawahiba disse que o momento de atacar era agora. Alguns homens Kawahiba entraram na maloca e cortaram a corda dos arcos dos Wari. Depois de todas as cordas cortadas e checadas para confirmadas, um Wari se levanta para urinar, o que poderia levar ao início do ataque. Ao voltar, o Wari é surpreendido com um golpe de bordunha feito de pupunheira. É o início do massacre dos Wari pelas mãos dos Kawahiba. Alguns conseguiram fugir pelos fundos da maloca em direção à mata densa. Os Kawahiba imediatamente ateiam fogo na maloca e queimam alguns. Outros Wari observam de longe a sua maloca em chamas e começaram a chorar. Estava tudo escuro. Os Wari não viam, mas os Kawahiba estavam à espreita comemorando contidamente ao ouvirem os soluços de choro dos Wari. “Bem feito. Você matou meu irmão, agora eu mato o teu parente”, diziam os Kawahiba, felizes com o grande feito.

3.2 Presente

Faça uma síntese sobre a comunidade linguística atualmente, procurando responder às seguintes questões: quem são os falantes da língua de referência? O que os caracteriza em termos sociais e culturais? Como se dá sua relação com grupos sociais vizinhos e com a sociedade brasileira e de países vizinhos como um todo?

Os Amondawa são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani, do Tronco Tupi, e compõem o conjunto pan-Kawahiba junto de outros, no mínimo, 11 povos identificados como Kawahiba. Neste caso, a literatura inclui os Tenharim, os Parintintim, os Juma, os Diahoi, os Uru-Eu-Wau-Wau (Jupa’u), os Capivari, os Karipuna, os Apiaká, os Piripkura e os Kayabi. Há ainda um povo Kawahiba isolado, que resiste ao contato com a sociedade nacional, caso dos Urupain. Os Uru-Eu-Wau-Wau também afirmam

que há outro povo isolado na T.I Uru-Eu-Wau-Wau, mas que não é Kawahiba. A esse, dá-se o nome Wyrapararakwara, “indígenas de flecha grande”.

Culturalmente, como foi primeiramente observado por Denófrio (2013, p. 17) e confirmado em nosso trabalho de campo, esses povos se caracterizam por fazerem uso de tatuagens faciais que se diferenciam entre homens e mulheres, como se verifica na imagem abaixo, extraída de Nimuendajú (1924). É interessante notar a observação de Denófrio (op. cit., p. 17) de que os Piripkura não se lembram de fazer uso de tatuagens.

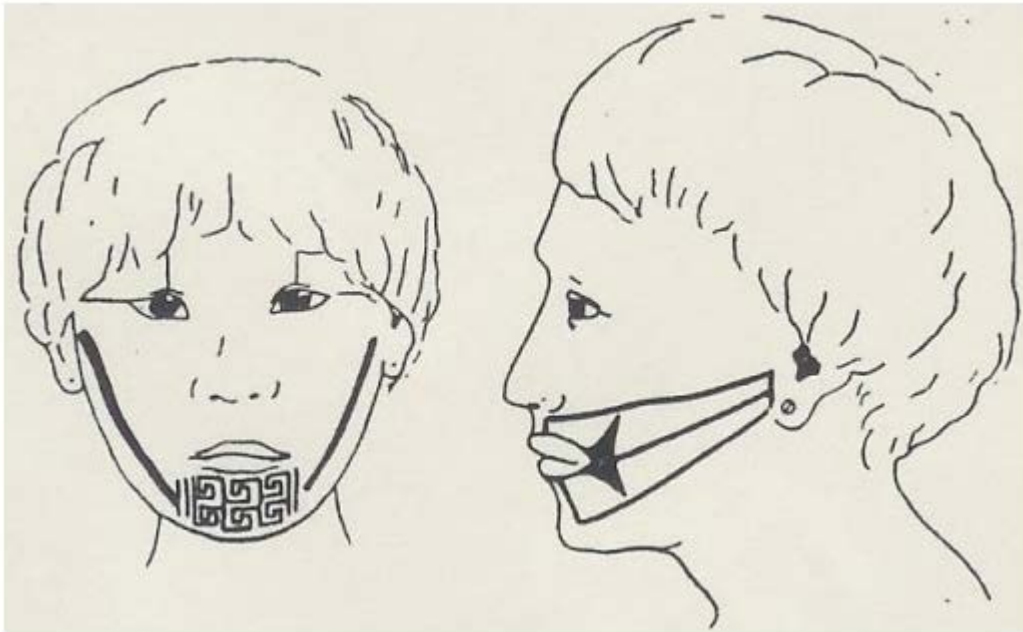


Figura 13. Tatuagens masculina e feminina Kawahiba.

Dentre os traços culturais dos Kawahiba, podem-se mencionar as técnicas de aumento do pênis; cintos masculinos feitos de cipó; estojo que acompanha o pênis; cabelos curtos; não consumação de tabaco; a prática da agricultura; a prática ritual de exo-antropofagia; terminologia de parentesco do tipo dravidiano; metades exogâmicas patrilineares não localizadas, com nomes de aves, Mutum e Gavião Real, no caso dos Parintintin, Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna; residência que tende a ser uxorilocal com circunstâncias neolocais; relações entre genros e sogros caracterizadas pelo

imperativo da dívida e do dom, xamanismo horizontal; sistema de mudança onomástica, em que os nomes denotam os clãs, os sexos, as idades; e a dispersão geográfica e a autonomia política do grupo local (DENÓFRIO, 2013, p. 17).

No que respeita às relações sociais dos Amondawa com a sociedade não indígena, como já mencionado, é bastante pacífica. Os indígenas, por vezes, vendem produtos, como farinha de mandioca e milho, aos não indígenas que moram próximos à aldeia, na linha vicinal que passa em frente à entrada desta.

Módulo 4

Identificação e Caracterização da Língua de Referência

1. Denominações

Em cada um dos quadros, inclua as denominações correspondentes para a língua e observações dessas nomeações (caso haja). É interessante que os proponentes dos inventários utilizem-se dos quadros de observações para fazer análises mais detalhadas sobre essas nomeações, discutindo possíveis traduções para os termos, explicando etimologias, identificando termos pejorativos, etc. Compreende-se por **autodenominações** aquelas que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência, o que pode ser diferente da denominação do grupo social. Em **heterônimos** estão contemplados nomes dados por pessoas de fora da comunidade: outros grupos, nomeação acadêmica, etc. As **denominações de ampla circulação** (ou seja, os termos mais comuns usados na sociedade para se referir à língua ou ao grupo social de falantes) e para inclusão no INDL (a ser definida em conjunto com a comunidade) podem coincidir desde que assim deliberado pela comunidade linguística e pelas equipes executoras dos inventários. Em geral, ambas também serão encontradas entre os termos de autodenominação ou heterônimos (consultar Parte 2, seção 3, para mais orientações sobre essa temática).

Autodenominações	Amondawa
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	Todos os indivíduos indígenas da aldeia Trincheira se autodenominam de Amondawa. Há dois indígenas, no entanto, pertencentes a outras etnias. Uma é Gavião, da família Mondé, Tronco Tupi, e outro é Uru-Eu-Wau-Wau, também Kawahiba. O indígena Uru-Eu-Wau-Wau também reconhece os indígenas da aldeia Trincheira por Amondawa, assim como seus parentes Uru-Eu-Wau-Wau e os Kariyuna de Rondônia. A etimologia da palavra é opaca para os falantes.

Heterônimos	Kawahiba
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	gente, índio, pessoa

Denominação/denominações de ampla circulação, ou seja, nome(s) pelo(s) qual/quais a língua é mais conhecida Poderá repetir denominações dos campos anteriores	Amondawa, Kawahiba
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	

Denominação utilizada neste formulário e que foi aprovada por um corpo representativo da comunidade linguística Poderá repetir denominações dos campos anteriores.	Kawahiba dos Amondawa
Justificativa	Os indígenas desejam que o nome da etnia faça parte, também, do nome da língua.
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	gente, índio, pessoa

2. Modalidade da língua

Selecione a opção adequada. As duas modalidades para a classificação das línguas de acordo com sua modalidade: Oral-auditiva – para as línguas cuja transmissão se dá primariamente a partir da oralidade, ou seja, pela comunicação verbal, e Visuo-espacial – cuja transmissão se dá a partir de sinais manuais e não-manuais, tais como expressões faciais e corporais.

<input checked="" type="checkbox"/> modalidade oral-auditiva
<input type="checkbox"/> modalidade visuo-espacial

3. Historicidade

3.1 A língua é falada no território nacional há pelo menos três gerações?

Selecione a opção adequada. Caso a resposta seja não, explique o histórico da presença da língua em território nacional.

<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
Observações:

3.2 Indique os marcos temporais que caracterizam a história da comunidade linguística

Os marcos temporais podem ser provenientes da história oral do grupo e/ou de documentação histórica. É importante que os inventários sejam explícitos sobre a fonte e natureza desses marcos. Os marcos temporais podem ser identificados por tópicos ou por um texto corrido, destacando os marcos temporais principais.

<p>Os anciãos Amondawa, como o cacique Tari e Paiajupi, contam que seus antepassados relataram que todos os Kawahiba formavam um único grupo junto dos Tenharim, dos Parintintin, dos Diahoi, dos Juma, dos Uru-Eu-Wau-Wau, dos Karipuna de Rondônia, dos Piripkura e dos Apiaká próximo ao rio Madeira, no estado do Amazonas, no passado. Separam-se desses povos, num grupo formado com os hoje Uru-Eu-Wau-Wau e, então, vão para próximo do que hoje é o rio Cautário, já em Rondônia, sudoeste deste estado.</p> <p>Brigas internas levaram o povo Amondawa a se separar dos Uru-Eu-Wau-Wau. Estes foram para a região de Comandante Ary ou Alta Lídia, onde tiveram contato com a FUNAI, numa expedição comandada por Zebel, que tinha por objetivo evitar um possível conflito da sociedade, que estava chegando para a colonização de Rondônia, com os indígenas. Os Uru-Eu-Wau-Wau contraem doenças,</p>

que são levadas para os Amondawa, quando do retorno ao local onde os Amondawa estavam. Com isso, os indígenas começam a adoecer e várias mortes vão se somando a cada dia devido à falta de imunidade frente às doenças dos não indígenas.

Os anciãos Karipuna, por sua vez, como Aripã e Katika Karipuna, bem como o cacique e professor da escola da aldeia, Batiti, lembram-se de que seus antepassados contavam que todos os Kawahiba estavam juntos. Esses Kawahiba eram os Tenharim, os Parintintin, os Amondawa, os Diahoi, os Juma, os Piripkura e os Uru-Eu-Wau-Wau na região atualmente estado de Mato Grosso. Nessas andanças, seus antepassados contavam que se lembravam até de que guerrearam com os Xavante, povo Jê, que mora no Parque Indígena no Xingu. Saíram vitoriosos, principalmente porque eram muitos Kawahiba. Como bons Tupi, migravam constantemente. Durante essas migrações, alguns povos Kawahiba foram ficando em regiões que lhes apraziam. Esse foi o caso dos Piripkura, de quem hoje se sabe que há três falantes, Rita, casada com Aripã Karipuna e, por isso, vive boa parte do seu tempo na aldeia dos Karipuna, e seus irmãos, que preferiram o isolamento voluntário na T.I Piripkura, no estado do Mato Grosso.

Batiti Piripkura, exímio narrador das andanças do seu povo, e quem guardou boa parte daquilo que seus antepassados narravam, conta que os demais Kawahiba seguiram suas andanças sempre tendo como direção o “lugar onde o sol se põe”. “Queríamos conhecer as terras onde o sol se põe, porque viemos de onde ele nasce... de um lugar perto do mar”, diz ele. Após a dissidência dos Piripkura, os Kawahiba atravessaram o Rio Machado. A terra onde se encontravam agora já era no estado do Amazonas. Aqui, ficaram os Parintintim, Tenharim e Diahoi. Gostaram da região e decidiram se instalar por essas bandas desde já.

Seguiram viagem Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Karipuna, Capivari e Juma. Entraram novamente em Rondônia subindo o rio Madeira e, desse agrupamento maior, partiram por outro sentido, os Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa. Disseram que sabiam onde se encontrar quando precisassem. Os Karipuna, Juma e Capivari subiram o rio chamado de Contra pelos Karipuna, e ficaram pelas suas margens até os Capivari decidirem também se separarem indo em direção às cabeceiras do Jacy-Paraná.

Tempos depois, os Juma e os Karipuna encontraram-se com povos Wari. Houve várias guerras, com várias mortes do lado dos Kawahiba, até que esses indígenas decidiram reunir todos os Kawahiba de Rondônia para extinguir os Wari, que já estavam até zombando das mortes dos Kawahiba. Desse modo, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa vieram de encontro aos demais Kawahiba e se uniram para a maior guerra que teriam contra a ameaça Wari.

Nesse momento, entusiasticamente, contam Batiti e Aripã, que até as crianças Kawahiba

foram armadas com “bordunas” feitas de pupunheira. Localizada a grande aldeia dos Wari que, conforme Batiti, tinha mais de 600 Wari dentro de uma única maloca gigante, era a vez dos Kawahiba aguardarem o momento certo. Nesses dias os Wari estavam comemorando as mortes dos Kawahiba. Era festa, portanto. Passaram-se três dias cercado a aldeia dos Wari, até que um pajé Kawahiba disse que o momento de atacar era agora. Alguns homens Kawahiba entraram na maloca e cortaram a corda dos arcos dos Wari. Depois de todas as cordas cortadas e checadas para confirmar, um Wari se levanta para urinar, o que poderia levar ao início do ataque. Ao voltar, o Wari é surpreendido com um golpe de bordunha feito de pupunheira. É o início do massacre dos Wari pelas mãos dos Kawahiba. Alguns conseguiram fugir pelos fundos da maloca em direção à mata densa. Os Kawahiba imediatamente ateiaram fogo na maloca e queimaram alguns. Outros Wari observam de longe a sua maloca em chamas e começaram a chorar. Estava tudo escuro. Os Wari não viam, mas os Kawahiba estavam à espreita comemorando contidamente ao ouvirem os soluços de choro dos Wari. “Bem feito. Você matou meu irmão, agora eu mato o teu parente”, diziam os Kawahiba, felizes com o grande feito.

Os registros históricos dão conta de que os povos Kawahiba de Rondônia, como os Karipuna de Rondônia, os Amondawa, os Uru-Eu-Wau-Wau ou o único representante do povo Capivari, provêm de um dos três grupos que se separaram do ancestral comum que habitava a foz do rio Tapajós quando fugiram, espremidos pelos Munduruku (família Munduruku, tronco Tupi), seus inimigos à época. Um povo, formado pelos agora Parintintim e Tenharim, se refugiou próximo ao rio Marmelos; outro, os Apiaká, cuja língua se encontra extinta, se estabeleceu próximo ao Alto Tapajós; e, por último, temos os remanescentes dos Amondawa, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna de Rondônia e Capivari, que teriam entrado em Rondônia pelos afluentes do rio Madeira, rios Jaci-Paraná e Jamari (LEONEL, 1995, p. 33).

Outros povos, dados como extintos, tais como os Kawahiba que habitavam áreas próximas ao rio Machado, como os Paranawat (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944]) e Wiraféd (NIMUENDAJÚ, 1981 [1944], 1955); também em um tributário deste mesmo rio, mais próximo do rio Muqui, caso dos Takwatip (NIMUENDAJÚ, 1948, 1981 [1944]; LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 379-439; MEIRELLES e MEIRELLES, 1981, p. 139-140); e os Ipotewát, no rio Machado, falavam dialetos desta língua. Lévi-Strauss (1955) também menciona grupos que já estavam quase em extinção à época e que moravam perto do rio Machado/Ji-Paraná, como os Tucumanfét e os Jabotiféd, e os já extintos no momento, os Mialat, que habitavam na região do rio Leitão, em 1938. O povo conhecido como Piripkura (palavra Gavião que significa “borboleta”), atualmente em fase de contato, também fala um dialeto Kawahiba. Do povo Capivari só restou um indígena, que mora hoje com os Karitiana, e já se encontra com 97 anos.

Além disso, ainda há os povos Kawahiba na T.I Uru-Eu-Wau-Wau não contatados. Os Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau também contam que há outro povo isolado nessa terra que não

pertence ao povo Kawahiba, conclusão a que se chegou por suas flechas, que são tidas como maiores que a dos Kawahiba. Chamam esse povo não Kawahiba de Wyrapararakwara, termo que significa “indígenas de flechas grandes”.

4. Classificações da língua

Selecione a opção adequada e preencha com as informações requeridas. As línguas deverão ser classificadas em: Afro-brasileira, Crioula (nesses dois casos indicar também as línguas que lhes deram origem), Língua isolada (quando não há línguas aparentadas vivas ou documentadas historicamente) ou ainda através de seu Tronco (se houver) e Família Linguística (é o caso da maior parte das línguas indígenas brasileiras assim como das línguas de imigração). Para mais orientações, consultar a Parte 2, seção 4.

<input type="checkbox"/> Língua Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Crioula	
Indicar as línguas que lhe deram origem:	

<input type="checkbox"/> Língua isolada

<input checked="" type="checkbox"/> Tronco (se houver)	Tupi
<input checked="" type="checkbox"/> Família Linguística	Tupi-Guarani
Observação/caracterização adicional: <i>Listar as línguas geneticamente mais próximas</i>	As variedades Kawahiba são Diahoi, Juma, Tenharim, Parintintim, Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna, Capivari, Piripkura, Apiaká e Kayabi.
Observações gerais:	Com base nas próprias impressões dos indígenas, bem como nas referências disponíveis (SAMPAIO, 1997, 2012) sobre esses grupos, trata-se de um complexo dialetal, e não línguas diferentes.

5. Língua e Variedades

A discussão e o consequente estabelecimento do que é uma língua e o que são variedades de uma língua deverão ser feitos junto às comunidades linguísticas – especialmente devido ao caráter simbólico-político do reconhecimento patrimonial das línguas (para mais informações sobre o tema Língua e Variedades, consultar a seção 4, do Volume 1 do Guia).

5.1 Identificação de línguas e variedades

Responda a questão abaixo para línguas/variedades que possam ser interpretadas como sendo uma mesma língua com a língua de referência, a partir dos critérios discutidos na seção 4.3 do Volume 1 do Guia. Responda apenas com relação às línguas e variedades que são reconhecidas pela comunidade linguística. Identifique-as por meio de uma forma de denominação (autodenominação ou proposta sugerida pelo inventário) e classifique-as conforme as

perguntas abaixo.

Utilize uma tabela nova para cada outra língua ou variedade

Denominação da variedade/língua	Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau Informação obtida com os Amondawa Tari e Puru'a, bem como os Uru-Eu-Wau-Wau Puré, Tangip, Ari, Boropo, Tangañ. Todos são Uru-Eu-Wau-Wau.
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau (Rondônia)
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: Segundo as pessoas chave consultadas, não há diferença alguma entre ambas as línguas que falam.	

Denominação da variedade/língua	Tenharim Informação obtida com os Amondawa Tari e Puru'a, bem como os
---------------------------------	--

	Uru-Eu-Wau-Wau Puré, Tangip, Ari, Boropo, Tangañ. Todos são Uru-Eu-Wau-Wau.
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Tenharim, Sudeste do Amazonas, próximo a Humaitá/AM
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: Segundo as pessoas chave consultadas, não há diferença alguma entre ambas as línguas que falam.	

Denominação da variedade/língua	Parintintim Informação obtida com os Amondawa Tari e Puru'a, bem como os Uru-Eu-Wau-Wau Puré, Tangip, Ari, Boropo, Tangañ. Todos são Uru-Eu-Wau-Wau.
Localidades ou regiões onde é falada	Terra Indígena Tenharim, Sudeste do Amazonas, próximo a Humaitá/AM
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade	<input type="checkbox"/> Sim

de falantes dessa variedade/língua	<input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: Segundo as pessoas chave consultadas, não há diferença alguma entre ambas as línguas que falam.	

Denominação da variedade/língua	Juma Informação obtida com os Juma Juvi, os Amondawa Tari e Puru'a, bem como os Uru-Eu-Wau-Wau Puré, Tangip, Ari, Boropo, Tangañ. Todos são Uru-Eu-Wau-Wau.
Localidades ou regiões onde é falada	Amazonas
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência

Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. o português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: Segundo as pessoas chave consultadas, não há diferença alguma entre ambas as línguas que falam.	

Denominação da variedade/língua	Kawahiba dos Karipuna de Rondônia Informação obtida com Puré, Tangip, Ari, Boropó, Tangaen. Todos são Uru-Eu-Wau-Wau.
Localidades ou regiões onde é falada	Aldeia Panorama. 140km de Porto Velho.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica

	diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: Segundo as pessoas chave consultadas, não há diferença alguma entre ambas as línguas que falam.	

Denominação da variedade/língua	Diahoi Informação obtida com os Amondawa Tari e Puru'a, bem como os Uru-Eu-Wau-Wau Puré, Tangip, Ari, Boropo, Tangañ. Todos são Uru-Eu-Wau-Wau.
Localidades ou regiões onde é falada	Amazonas
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de

	inteligibilidade) [] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) [] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) [] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) [] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
Observações: Segundo as pessoas chave consultadas, não há diferença alguma entre ambas as línguas que falam.	

Denominação da variedade/língua	Capivari (há um único sobrevivente do povo Capivari e já conta com 97 anos. Mora junto aos Karitiana). Informação obtida com os Karipuna Adriano Tangare'i, Batiti, Katika e Aripã.
Localidades ou regiões onde é falada	Rondônia. Terra Indígena dos Karitiana.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[] Sim [x] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[x] Mesma língua com relação à língua de referência [] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[x] Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) [] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[x] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [] 2-Quase totalmente inteligível [] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[x] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>)

	<p>[] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (ex. <i>português do Brasil e português de Portugal</i>)</p> <p>[] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (ex. <i>o português e o espanhol</i>)</p> <p>[] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (ex. <i>o português e o francês</i>)</p>
<p>Observações: Segundo as pessoas chave consultadas, não há diferença alguma entre ambas as línguas que falam.</p>	

5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas

No que concerne às línguas identificadas como uma *Mesma Língua* em relação àquela de referência, descreva os principais elementos estruturais que as diferencia (por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe)?

Utilize o quadro abaixo para identificar sucintamente tais elementos

<p>Somente uma pesquisa com esse fim pode apontar as diferenças estruturais das variedades da língua de referência. Dessa forma, é inviável que em um inventário como esse responda essa questão apropriadamente quanto aos níveis linguísticos de cada variedade.</p> <p>Por outro lado, identificamos abaixo as propostas de classificação e parentesco da língua dos povos Kawahiba no âmbito da família Tupi-Guarani e tronco Tupi.</p> <p>A dissertação de Sampaio (1997), <i>Estudo Comparativo Sincrônico entre os Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba</i> propõe que Parintintim, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa são dialetos de uma mesma língua com o percentual de inteligibilidade mútua superior a 80%.</p> <p>Em trabalho posterior, a autora (2012), com base na fonoestatística, que considera critérios fonológicos para uma classificação interna, tal como na figura 13, e o método léxico-estatístico, com resultados apresentados na figura 14, também agrupa os dois povos, Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau, como mais próximos entre si dentro do complexo formado pelas demais etnias Kawahiba já mencionadas.</p> <p style="text-align: center;">Figura 13. Agrupamento Kawahiba com base na fonoestatística.</p>

PHONOSTATISTICAL PHENOGRAM

The top scale indicates that the closer to 100, the greater the degree of similarity between the languages.

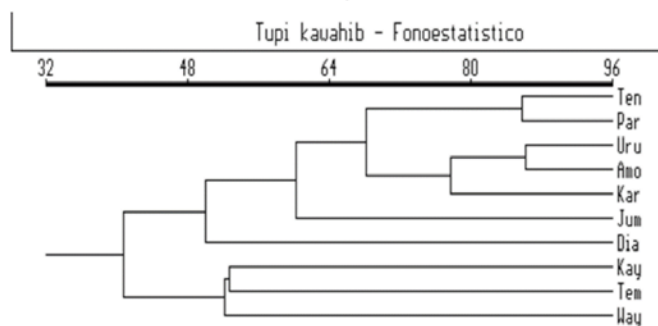
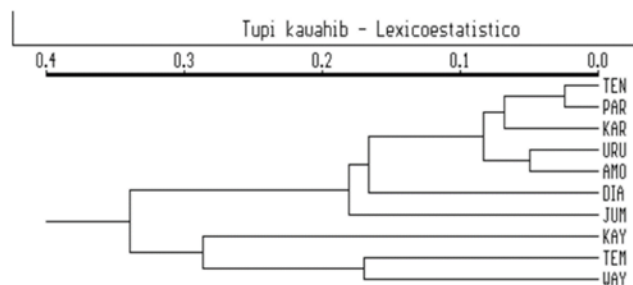


Figura 14. Agrupamento Kawahiba com base na léxico-estatística.

LEXICOSTATISTICAL PHENOGRAM

The top scale indicates that the closer to 0.00, the greater the degree of similarity between the languages

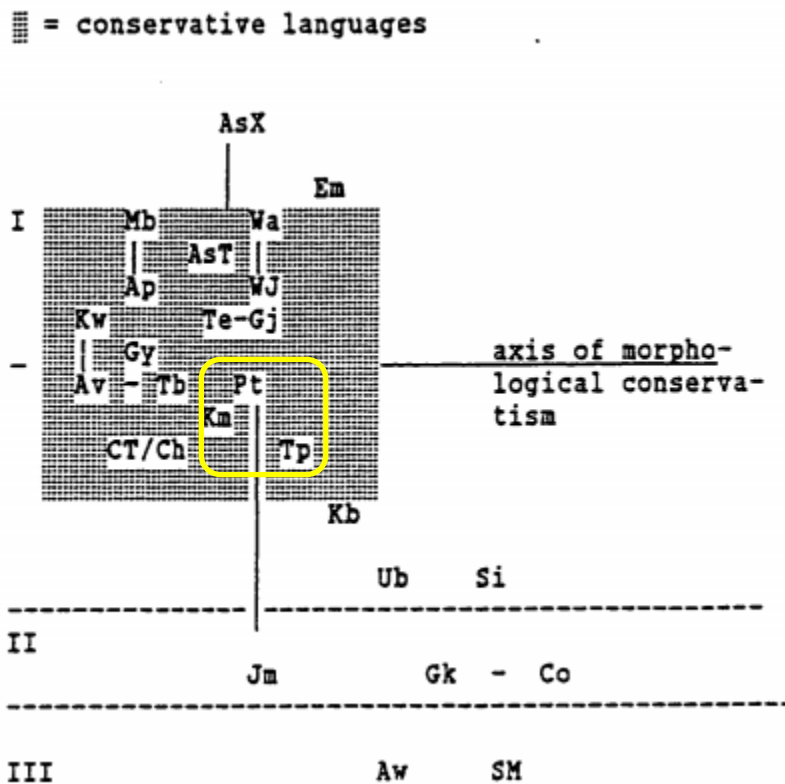


A classificação de Rodrigues (1964)

<p>Subconjunto I Guaraní Antigo Mbyá Xetá (Serra dos Dourados) Ñandéva (Txiripá) Kaiwá (Kayová, Pãi) Guarani Paraguaio Guayaki (Aché) Tapieté Chiriguano (Ava) Izoceño (Chané)</p> <p>Subconjunto II</p>	<p>Suruí do Tocantins (Majetére) Parakanã Guajajára Tembé</p> <p>Subconjunto V Kayabí Asuriní do Xingu Araweté (?)</p> <p>Subconjunto VI Parintintin (Kagwahib) Tupí-Kawahib (Tupi do Machado, Paraweté, Wiraféd, etc.)</p>
--	--

Guarayo (Guarayú) Sirionó Horá (Jorá) Subconjunto III Tupinambá Língua Geral Paulista (Tupí Austral) Língua Geral Amazônica (Nheengatú) Kokáma Kokamiya (Cocamilla) Omágua Subconjunto IV Tapirapé Avá (Canoeiro) Asuriní do Tocantins (Akuáwa)	Apiaká (?) Subconjunto VII Kamayurá Subconjunto VIII Takunyapé Wayampí (Oyampí) Wayampipukú Emérillon Amanayé Anambé Turiwára Guajá Urubú
--	---

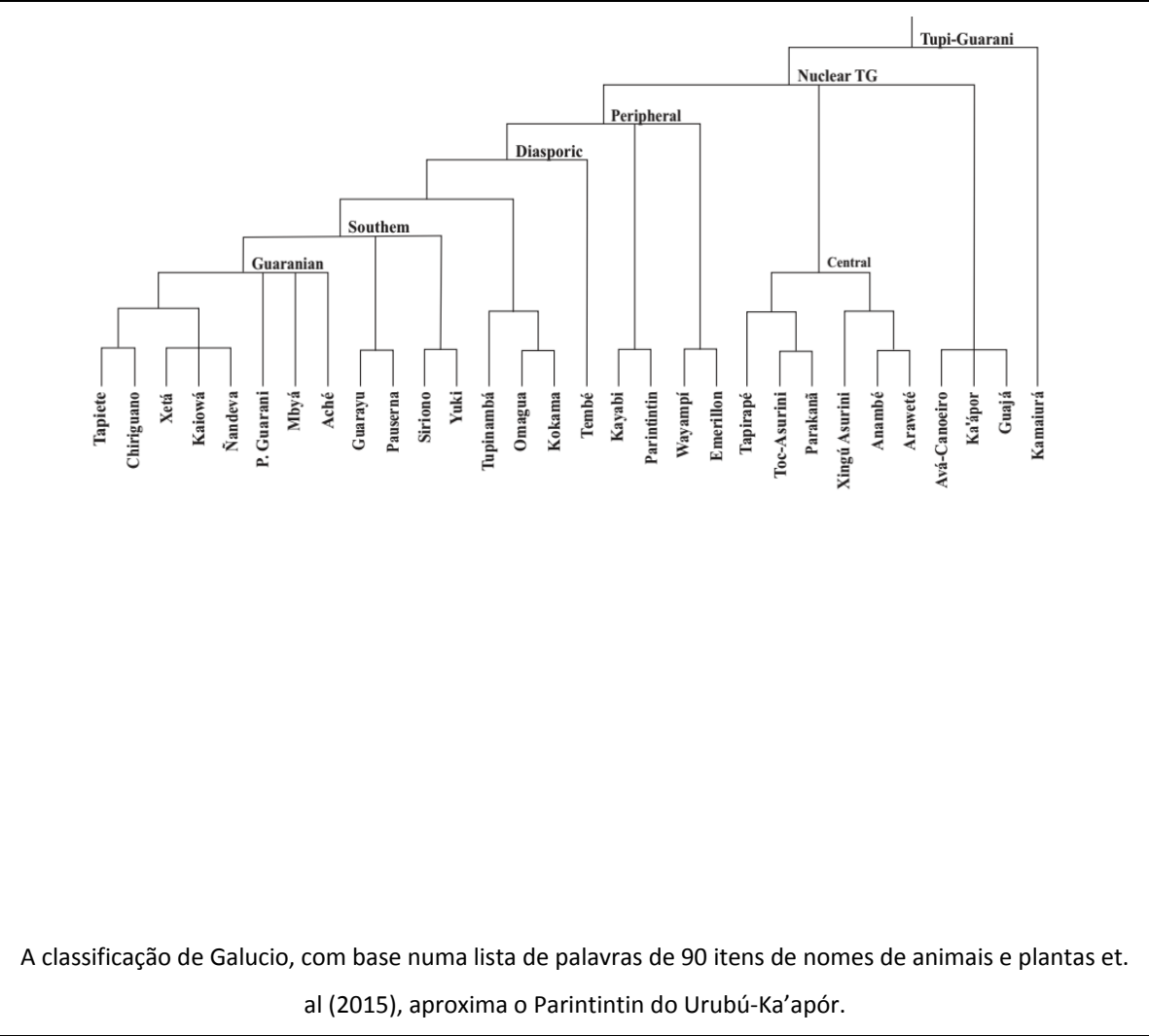
Schleicher (1998), com base em mudanças fonológicas e conservacionismo morfológico, aproxima o Parintintin do Kamayurá e Tapirapé.



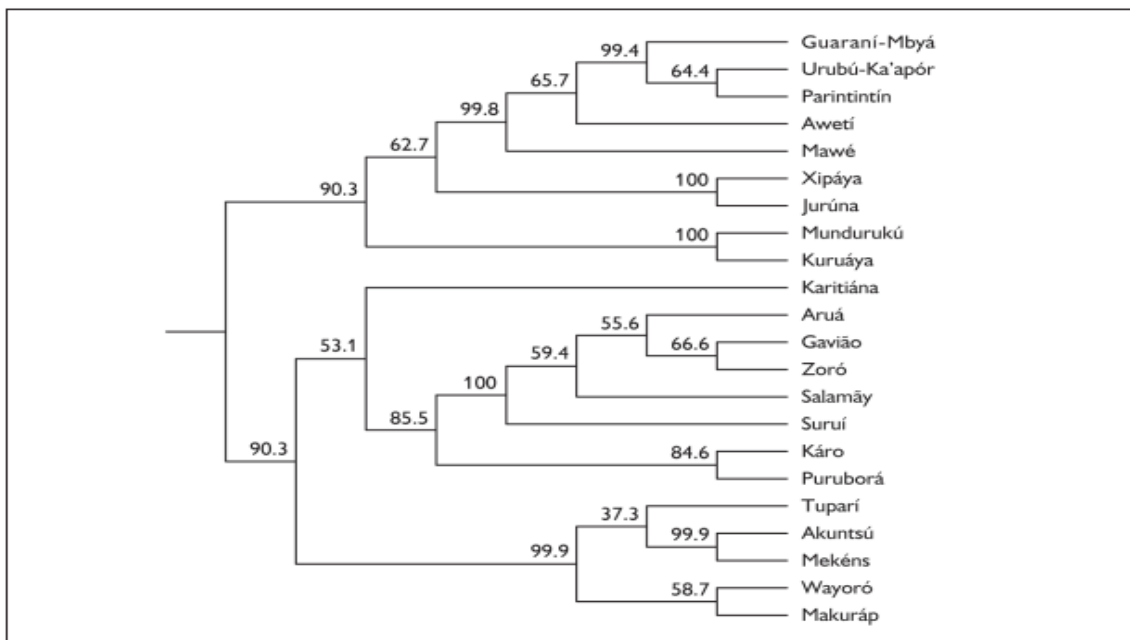
O trabalho de Mello (2000; 2002)

<p>Subgrupo I 1a. Guarani Mbyá Guarani Antigo Guarani Paraguaio 1b Chiriguano Chané Izoceño 1c. Guayaki 1d. Xetá</p> <p>Subgrupo II Sirionó</p> <p>Subgrupo III Guarayo</p> <p>Subgrupo IV IVa. Parintintin Amundava Urueuwauwau IVb. Tenharim Karipúna</p> <p>Subgrupo V Apiaká Kayabí Kamayurá</p>	<p>Subgrupo VI VIa. Asurini do Trocará Suruí Parakanã</p> <p>VIb. Tembé VIc. Tapirapé VId. Asurini do Xingu</p> <p>Subgrupo VII Araweté Auré e Aura Anambé Guajá</p> <p>Subgrupo VIII Wayampí do Jari Wayampí do Amapari Emerillon Urubu-Kaapór</p> <p>Subgrupo IX Tupinambá Língua Geral Amazônica (Kokama)</p>
---	--

A classificação de Michael et. al (2015), de natureza filogenética, lista uma das variedades Kawahiba, o Parintintin, como mais próximo ao Kayabi.



A classificação de Galucio, com base numa lista de palavras de 90 itens de nomes de animais e plantas et. al (2015), aproxima o Parintintin do Urubú-Ka'apor.



Por fim, gostaríamos de notar que recentemente Aguilar (2017) propôs que os Kayabi, povo que habita o norte do Pará, também faça parte do complexo dialetal Kawahiba. A autora não apresenta dados linguísticos que comprovem essa afiliação genética aos demais Kawahiba já mencionados, mas tão somente se baseia em fontes secundárias não linguísticas. Portanto, somos céticos quanto a essa proposta no momento, seja pela falta de dados que comprovem linguisticamente esse agrupamento aos Kawahiba, mas também e principalmente porque os Karipuna, os Amondawa e os Uru-Eu-Wau-Wau não confirmaram essa informação. Os Karipuna Aripã, Katika e Batiti, assim como os Amondawa Tari e os Uru-Eu-Wau-Wau da aldeia 621 Boakara e Manda nunca ouviram falar por parte de seus antepassados de um povo que se chamasse Kayabi e que estivesse junto nas migrações que realizaram desde o leste para o oeste. É aguardada, portanto, uma análise linguística que possa provar a filiação linguística da língua falada pelos Kayabi ao complexo Kawahiba.

No que concerne às línguas identificadas como *Línguas Diferentes* em relação àquela de referência, diga se há propostas na literatura especializada que tenham uma interpretação divergente, ou seja, que as classificam como variedades de uma mesma língua?

Utilize o quadro abaixo para Identificar tais propostas e resumir seus argumentos.

<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Identificação e resumo das propostas: <p style="text-align: center;">O trabalho de Sampaio (1977), “Estudo Comparativo Sincrônico entre os Parintintim</p>

(Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba” propõe que Parintintim, Tenharim, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa são dialetos de uma mesma língua com o percentual de inteligibilidade mútua de, no mínimo, 80%. A mesma autora (2012), partindo do método léxico-estatístico, também agrupa os povos Amondawa e Uru-Eu-Wau-Wau como mais próximos entre si dentro do complexo formado pelas demais etnias Kawahiba já mencionadas.

5.3 Documentação da pesquisa sobre línguas e variedades

Faça o upload ou escreva no quadro abaixo o *link* no quadro abaixo dos arquivos que apresentem os principais instrumentos e produtos utilizados na documentação, levantamentos e discussão com a comunidade sobre línguas e variedades.

GALUCIO, Vilacy; MEIRA, Sérgio; BIRCHALL, Joshua; MOORE, Denny; GABAS JÚNIOR, Nilson; DRUDE, Sebastian; STORTO, Luciana; PIKANÇO, Gessiane; RODRIGUES, Carmem R. Genealogical relations and lexical distances within the Tupiana linguistic family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 229-274. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v10n2/\[telefone anonimizado\]-bgoeldi-10-02-00229.pdf](http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v10n2/[telefone anonimizado]-bgoeldi-10-02-00229.pdf). Acessado em 26 jun. 2017.

MELLO, Antônio A. S. *Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani*. Tese. 286 p. (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MELLO, Antônio A. S. Evidências fonológicas e lexicais para o subagrupamento interno Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suely A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Línguas Indígenas Brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), 2002. p. 338-342.

MICHAEL, Lev; CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin. A bayesian phylogenetic classification of Tupí-Guaraní. *Liames*, Campinas/SP, n. 15, v. 2, jul./dez. 2015. p. 193-221.

RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27-28, 1984/1985. p. 33-53.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. *Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondawa): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba*. Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1977.

SAMPAIO, Wany Bernardete A. *The Tupi-Kawahiba languages: A Phylogenetic systematics based*

comparative study. Apresentação Powerpoint no website PowerShow.com. 2012.

SCHLEICHER, Charles O. *Comparative and internal reconstruction of Proto-Tupi-Guarani*. Tese. 372 p. (Doutorado em Linguística) - University of Wisconsin-Madison. Wisconsin, 1998.

6. Situação político-jurídica

Nos itens apresentados a seguir, identifique a situação das línguas com relação a leis de oficialização e/ou patrimonialização existentes. Identificar línguas que tenham passado, estejam passando ou que ainda não foram objeto de **leis de patrimonialização ou oficialização** é uma importante ferramenta para se conhecer a diversidade desses instrumentos no território nacional e acompanhar as ações decorrentes desses processos, bem como sua efetividade.

6.1 Oficialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de oficialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua Oficial		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de oficialização		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua não-oficial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

6.2 Patrimonialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de patrimonialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua reconhecida como patrimônio		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de reconhecimento patrimonial		

[x] Língua sem reconhecimento patrimonial

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

6.3 Caracterização das leis e estado atual de regulamentação

Caracterize as leis de oficialização e patrimonialização, discutindo sua abrangência e estado atual de implementação. Indique também seu estado atual de regulamentação (caso tenham sido), referindo o número dos processos e publicações, com breves descritivos e *hyperlinks* dos mesmos (se houver).

6.4 Fac-símiles dos documentos

Anexar ao formulário / Fazer upload de documentos completos de co-oficialização e patrimonialização

7. Recursos Documentais

Os recursos documentais estão divididos entre recursos *na* língua – quando a língua de referência é o principal código linguístico utilizado – e recursos *sobre* a língua – quando a língua de referência e a comunidade linguística são o tópico do documento feito em outra língua. Assim, os principais tipos de documentos listados *na* e *sobre* a língua são: produção bibliográfica (livros, panfletos, etc., incluindo materiais didáticos), produção áudio visual (documentários, filmes), produção musical (canções entre outras) e produções na internet – que devem incluir todos os documentos listados e que estejam numa plataforma WEB, além de produtos únicos na internet, como blogs, websites, páginas em redes sociais, vídeos, entre outros.

7.1. Produções documentais

Identifique e liste as principais produções documentais **na** e **sobre** a língua, incluindo, com a referência bibliográfica completa.

Produção bibliográfica na língua (incluindo materiais didáticos)

Não há produção sobre a língua dos Amondawa. O conhecimento científico da língua Kawahiba ainda é reduzido, com estudos principalmente focalizados no dialeto dos Parintintin. A análise é preliminar, com poucos estudos recentes. A fonologia do Parintintin (PEASE e BETTS, 1971) tem somente 14 páginas; e o esboço da gramática (PEASE, 2007 [1968]) 78 páginas, e não foi atualizada desde 1968. Os maiores trabalhos são o dicionário de Parintintin (BETTS, 1981) e o dicionário Kawahiba (BETTS, 2012). Este dicionário tem por base pesquisas de longa duração entre os Parintintin e os Tenharim, e pesquisas de aproximadamente duas semanas cada entre os Karipuna, Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa. Estudos menos expressivos são Betts (2008 [1969]; 1971) e Pease (1979/80). O Tenharim

ainda apresenta uma análise rudimentar com base no modelo fonêmico de alguns sons e da nasalização (BORELLA, 1996, 1997, 1998, 1999). O dialeto Juma tem pesquisas iniciais por Abrahamson (1968) e Abrahamson e Abrahamson (1984).

Sobre os estudos dos dialetos Uru-Eu-Wau-Wau e Amondawa, um estudo de natureza preliminar foi elaborado por Pease e Betts (1991) e uma breve análise sob o aporte do modelo fonêmico para o Amondawa é apresentada por Netto (1993). Além da classificação interna de Kawahiba, Wany Sampaio tem trabalhado com um psicolinguista, Chris Sinha, e a sua esposa, Vera da Silva, em pesquisas interessantes que combinam Linguística, Psicologia e Antropologia (SAMPAIO, SINHA e DA SILVA 2004, 2009; SINHA, DA SILVA, ZINKEN e SAMPAIO, 2011). Sampaio, da Silva e Miorello (2004) contribuíram com uma coleção de mitos traduzidos Amondawa. Quase nenhum conhecimento se tem da língua talvez mais próxima a Kawahiba, o Apiaká. A última falante faleceu e os estudos da língua são poucos como, por exemplo, uma única dissertação (PADUA, 2007).

Produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos)

AGUILAR, Ana Maria Gouveia Cavalcanti. Kawahíva como uma unidade linguística. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9, n. 1, jul. 2017, p. 139-161.

ANASTASSIOY, Cristiane de Almeida. *Amondawa: uma análise sobre os marcadores territoriais linguísticos*. Dissertação. 110 f. Núcleo de Ciências Exatas e da Terra da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho: 2013.

ABRAHAMSON, Arne; ABRAHAMSON, Joyce. Os Fonemas da Língua Júma. *Série Linguística* Nº 11: 157-174. 1984.

BETTS, La Vera D. *Dicionário Parintintin-Português/Português-Parintintim*. Cuiabá/MT: SIL, 1981. 231 pp.

BETTS, La Vera D. *Kagwahiva dictionary*. Anápolis/GO: SIL, 2012. 295 pp.

BETTS, La Vera D. *Parintintin discourse*. Anápolis/GO: SIL, 2008 [1969]. 79 pp.

BETTS, LaVera. The Parintintin world view. *Notes on Translation* 41. Dallas: ILV, 1971. p. 16-21.

BORELLA, Cristina C. A nasalização em Tenharím. In: *Caderno de Resumos do XLVII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. Bauru/SP: 1999.

BORELLA, Cristina C. Análise dos sons [n] [d], [nd] e [t] na língua Tenharím. In: *Caderno de Resumos do XLV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL)*. Campinas/SP: 1997.

BORELLA, Cristina C. Análise fonêmica dos sons [n], [g], [ng] e [k] na língua Tenharím. In: Caderno de Resumos do XLVI Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). São José do Rio Preto/SP: 1998.

BORELLA, Cristina C. Análise fonêmica dos sons [p], [b], [mb], [m] na língua Tenharim. In: Caderno de Resumos do XLIV Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Taubaté/SP: 1996.

MICHAEL, Lev; CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin. A bayesian phylogenetic classification of Tupí-Guaraní. Liames, Campinas/SP, n. 15, v. 2, jul./dez. 2015. p. 193-221. Disponível em: file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/8642301-13827-1-PB.pdf. Acessado em: 28 jun. 2017.

CHOUSOU-POLYDOUN, Natalia; O'Hagan, Zachary; BARTOLOMEI, Keith, DONNELLY, Erin; MICHAEL, Lev. An internal classification of Tupi-Guarani using computational phylogenetic methods. Comunicação pessoal. Amazonicas V, Belém, 28 de maio de 2014.

DENÓFRIO, João Paulo Marra. *Breve contribuição etnográfica sobre os Kagwahiva: o coletivo Piripkura*. Relatório de trabalho de campo resultante de consultoria antropológica realizada em 2011. FUNAI/CGIIRC/CTI: Brasília, 2012.

DA SILVA, Rebecca Louize. *A saga Karipuna: uma narrativa oral de experiência pessoal*. 180 p. Dissertação (Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia/UNIR). Porto Velho, 2013.

DENÓFRIO, João Paulo Marra. *La mort est dans la vie: contre-métamorphose et ascension kagwahiva*. 96 p. Dissertação (Mestrado em Etnologia e Antropologia Social - École des Hautes Études en Sciences Sociales). Paris/França, 2013.

ERIKSEN, Love; GALUCIO, Vilacy. The Tupian expansion. IN: O'CONNOR, Loreta; MUYSKEN, Pieter. *The Native Languages of South America: origins, development, typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 177-199.

GALUCIO, Vilacy; MEIRA, Sérgio; BIRCHALL, Joshua; MOORE, Denny; GABAS JÚNIOR, Nilson; DRUDE, Sebastian; STORTO, Luciana; PICANÇO, Gessiane; RODRIGUES, Carmem R. Genealogical relations and lexical distances within the Tupiana linguistic family. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 229-274.

HANKE, Wanda. Parintintin y boca negra con sus idiomas. Kollasuyo: Revista de Estudios Bolivianos, v. 70, p. 29-47. 1953.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. V. 4. Berlin/New York: Mouton de Gruyter,

1998. p. 489-618.

JENSEN, Cheryl. The use of coreferential and reflexive markers in Tupi-Guarani languages. *Journal of Amazonian Languages*, v. 1, n. 2, p. 1-49. 1998

JENSEN, Cheryl. Tupi-Guarani. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 125-163.

LEMLE, Miriam. Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family. In: BENDOR-SAMUEL, David (ed.). *Tupi Studies I*. Glendale: Church Press Inc., 1971. p. 107-129.

LEONEL, Mauro. *Etnodiceia Ruéu-au-au*. Edusp: São Paulo, 1995. 224 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Librarie Plon, 1955. p. 379-439. ISBN: 2-266-02612-7.

LOUKOTKA, Čestmir. Documents et vocabulaire inédits de langues et de dialectes sud-américains. *Journal de la Société des Américanistes*, Tomo 52, 1963. p. 7-60.

MANSUR-GUÉRIOS, R. F. Novos rumos da tupinologia. *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba, 1935, n. 1, v. 2. 12 p.

MEIRA, Sérgio; DRUDE, Sebastian. A summary reconstruction of proto-maweti-guarani segmental phonology. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 2, maio-ago 2015. p. 275-296.

MEIRELLES, Apoena; MEIRELLES, Denise Maldí. Tribos extintas e migrações indígenas em Rondônia (do século XVII até os primeiros decênios do século XX). *Anuário de divulgação científica do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (Universidade Católica de Goiás)*, v. 10, 1981/1984. p. 134-146. ISSN: 0101-6954.

MELLO, Antônio A. S. *Estudo histórico da família linguística Tupi-Guarani*. Tese. 286 p. (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

MELLO, Antônio A. S. Evidências fonológicas e lexicais para o subagrupamento interno Tupi-Guarani. In: CABRAL, Ana Suely A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Línguas Indígenas Brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará (EDUFPA), 2002. p. 338-342.

MERGERS, B. J.; EVANS, C. A reconstituição da pré-história amazônica: algumas considerações teóricas. *Edição O Museu Goeldi no Ano do Sesquicentenário*. Belém: Publicações Avulsas, n. 20, 1973. p. 51-69.

MÉTRAUX, Alfred. *Migrations historiques des Tupi-Guarani*. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, n. 19, 1927. p. 1-45.

NETTO, Waldemar F.; MORAES, Jorge M. *Descrição fonológica preliminar da língua dos Uru Eu Wau*

Wau: subgrupo Mondáwa. Anais do GEL, 1993. 15 p. Disponível em: file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/DESCRICAÇÃO_FONOLOGICA_PRELIMINAR_DA_LINGU.pdf. Acessado em 19 jun. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg. Acessado em: 23 jun. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. Os índios Parintintim do rio Madeira. *Journal de la société des Américanistes*, tomo 16, p. 201-278. 1924.

NIMUENDAJÚ, Curt. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927. Apontamentos linguísticos. *Journal de la Société des Américanistes*, Tomo 44, 1955. p. 149-178.

NIMUENDAJÚ, Curt. The Cawahíb, Parintintin, and their neighbors. In: STEWARD, J. H (org.). *Handbook of South American Indians I-VI*, 3. 283-297. 1948.

NOELLI, Francisco S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 2, p. 7-53. 1996.

PADUA, Alexandre Jorge. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Contribuição para a fonologia da língua Apiaká (Tupí-Guaraní) - Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

PEASE, Helen. *Parintintin grammar*. Porto Velho/RO: SIL, 2007 [1968]. 78 pp.

PEASE, Helen. Repetições em Tenharim (Parintintín) narrativa. In *Arquivos de anatomia e antropologia*, vol. IV-V, 245-61, 1979/80.

PEASE, Helen; BETTS, La Vera D. Parintintin phonology. In: BENDOR-SAMUEL, David (ed.). *Tupi Studies I*. Glendale: Church Press Inc., 1971. p. 1-14.

PEASE, Helen; LA VERA, Betts. Anotações sobre a língua uru-eu-wau-wau. (Arquivo Linguístico). Brasília: SIL, 1991. 55p.

PEGGION, Edmundo A. A classe dos nomes: a onomástica Amondáwa (Kagwahiva/RO). In: CABRAL, Ana S. A. C; RODRIGUES, Aryon D. (orgs.). *Línguas e culturas Tupi*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007. p. 123-130. ISBN: 978-85-99944-06-6.

RIVET, Paul. *Langues Américaines: III Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles*. In: MEILLET, Antoine; COHEN, Mark (eds.). *Les langues du Monde*. Colection Linguistique. Paris: Société de Linguistique de Paris, 1924. p. 639-717.

RODRIGUES, A. D. Fonética histórica Tupi-Guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani.

- Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba, n. 4, p. 333-354. 1945.
- RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- RODRIGUES, Aryon D. A classificação do tronco linguístico Tupi. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1/2, p. 99-104. 1964.
- RODRIGUES, Aryon D. As consoantes do Proto-Tupi. In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Línguas e culturas Tupi*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú; Brasília: LALI, 2007. p. 167-203.
- RODRIGUES, Aryon D. As vogais do Proto-Tupi. In: CABRAL, Ana S. A. C.; RODRIGUES, Aryon D. (eds.). *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005. p. 35-46.
- RODRIGUES, Aryon D. Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics*, v. 24, n. 3., jul. 1958. p. 231-234.
- RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27-28, p. 33-53. 1984/1985.
- RODRIGUES, Aryon D. Um aspecto da evolução fonética na família Tupi-Guarani. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 3, n. 2, dez. 2011. p. 131-135.
- RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Tupian. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The Indigenous Languages of South America: a comprehensive guide*. Berlin; Boston: Mouton de Gruyter, 2012. 495-574.
- RODRIGUES, Aryon D. Tupi. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.). Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.
- SAMPAIO, Wany Bernardete A. The Tupi-Kawahiba languages: A Phylogenetic systematics based comparative study. Apresentação Powerpoint no website PowerShow.com. 2012 http://www.powershow.com/view1/1c20cbZDc1Z/Wany_Bernardete_de_Araujo_Sampaio_Centro_de_Estudos_da_Linguagem_Grupo_de_Estudos_em_Culturas_Educa_powerpoint_ppt_presentation.
- SAMPAIO, Wany Bernardete A. Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba. Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.
- SAMPAIO, Wany; DA SILVA, Vera; MIOTELLO, Valdemir. *Mitos Amondawa*. Porto Velho: Edufro, 2004. 50p.
- SAMPAIO, Wany; SINHA, Chris; DA SILVA, Vera. Estudo descritivo/analítico dos eventos de movimento na língua uru-eu-wau-wau, dialeto Amondawa. Centre for Linguistic Research of Amazonia, *Lingua Viva*

2, 2004, p. 5-13.

SAMPAIO, Wany; SINHA, Chris; DA SILVA, Vera. Mixing and Mapping: Motion, Path and Manner in Amondawa. In Jiansheng Guo, Elena Lieven, Nancy Budwig, Susan Ervin-Tripp, Key Nakamura (orgs), Crosslinguistic Approaches to the study of language; Research in the tradition of Dan Isaac Slobin. Londres e Nova Iorque: Psychology Press, 2009. p. 427-439.

SCHLEICHER, Charles O. Comparative and internal reconstruction of Proto-Tupi-Guarani. Tese. 372 p. (Doutorado em Linguística) - University of Wisconsin-Madison. Wisconsin, 1998.

SINHA, Chris; DA SILVA, Vera; ZINKEN, Jörg; SAMPAIO, Wany Bernardete A. When time is not space: the social and linguistic construction of time intervals and temporal event relations in an Amazonian Culture. Language and Cognition 3-1, 2011. p. 137-169.

STELLA, J. B. As línguas indígenas da América. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, n. 26, 1928. p. 5-172.

Produção em áudio e vídeo na língua

Entre 2014 e 2015, o antropólogo João Paulo Marra Denófrío, por meio de um acordo entre o Museu do Índio/RJ, da FUNAI de Rondônia e a CGIIRC (Coordenação Geral de Índios Isolados e de Recém-Contato) produziu um relatório antropológico a respeito da produção de uma coleção etnográfica. Esse material se encontra depositado nos departamentos correspondentes dos órgãos mencionados. Conforme o antropólogo, o trabalho conta também com entrevistas, fotos e vídeos referentes à produção desses artesanatos.

Produção em áudio e vídeo sobre língua

Como mencionado anteriormente, houve a produção de um relatório antropológico a respeito da produção de alguns artesanatos do povo Amondawa. Esse material se encontra depositado nos departamentos correspondentes dos órgãos mencionados. Conforme o antropólogo, o trabalho conta também com entrevistas, fotos e vídeos referentes à produção desses artesanatos.

Produção musical na língua

Não há

Produção na língua disponível na internet

Não há

Produção sobre a língua disponível na internet

Não há

7.2 Principais referências documentais

Selecionar e comentar as principais referências documentais **na** e **sobre** a língua

Referências	Comentários
SAMPAIO, Wany Bernardete A. <i>Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintim (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahiba</i> . Dissertação. 103 p. (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.	O trabalho de Sampaio (1997) contempla a variedade falada pelos Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Parintintin e Tenharim. Trata-se de uma dissertação sobre o grau de similaridade entre essa variedade e aquelas dos povos Tenharim, Parintintin e Amondawa. Entre seus principais resultados, pode-se mencionar o fato de que autora estabelece que essas quatro variedades têm, no mínimo, inteligibilidade mútua de 80%.
SAMPAIO, Wany Bernadete A. <i>As línguas Tupi-Kawahib: um estudo sistemático filogenético</i> (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2012.	Não se encontra disponível publicamente. Em visita à Biblioteca Central da Universidade Federal de Rondônia, campus Porto Velho, fomos informados de que o material só está disponível para consulta na biblioteca.
PEASE, Helen. <i>Parintintin grammar</i> . Porto Velho/RO: SIL, 2007 [1968]. 78 pp.	Embora se trate de uma análise sintática da variedade Parintintin, algumas das generalizações encontradas em Pease (2007 [1968]) podem ser aplicadas à variedade Uru-Eu-Wau-Wau.
BETTS, La Vera D. <i>Kagwahiva dictionary</i> . Anápolis/GO: SIL, 2012. 295 pp.	Do mesmo modo que a análise sintática de Pease (2007 [1968]) para o Parintintin, o dicionário de Betts (2012), embora apresente boa parte dos lexemas coletados pela autora com os Parintintin, pode ser utilizado como referência para a variedade Uru-Eu-Wau-Wau.
LEONEL, Mauro. <i>Etnodicéia Uruéu-Uau-Uau</i> . São Paulo: EDUSP/IAMA/FAPESP, 1995.	Embora não se trata de uma referência sobre a variedade Kawahiba dos Uru-Eu-Wau-Wau, Leonel (1995) é uma boa contribuição sobre as migrações de alguns dos Kawahiba que adentraram Rondônia.

Ver Arquivo *Referências Digitalizadas sobre Kawahiba*

7.3 Disponibilidade das produções documentais na comunidade

Comente sobre a disponibilidade e acesso dos documentos identificados pela comunidade linguística. A pergunta básica seria “a comunidade tem acesso a essa documentação?”

A comunidade não dispunha da literatura sobre os Kawahiba. Disponibilizamos ao povo e à escola todos os arquivos digitais que tínhamos até o momento sobre esses povos.

8. Pessoas de referência

Assim como os recursos documentais, identificar as pessoas de referência para as línguas é fundamental para se conhecer e subsidiar ações de valorização e promoção das línguas nas comunidades. Os inventários deverão identificar dois tipos principais de **pessoas de referência** para as línguas: falantes de referência e especialistas.

8.1 Principais falantes de referência

Identifique os principais falantes de referência da língua, como por exemplo, sabedores; professores falantes da língua; autores; cantores/músicos; intelectuais/acadêmicos/especialistas membros da comunidade, entre outros. Liste os nomes e contatos dos principais falantes de referência, e, se possível, caracterize esses falantes, ou seja, informe com maiores detalhes quem são essas pessoas, sua trajetória de vida e o que as torna falantes de referência para a língua. Neste espaço também cabem registros audiovisuais desses falantes, seja a partir da realização de entrevistas sobre diversos temas ou mesmo uma curta biografia de suas vidas contada por eles mesmos.

Lista de nomes/contatos	Caracterização das pessoas	Anexar/ entrevistas/retratos Fazer upload com falantes de referência no acervo digital
-------------------------	----------------------------	--

Tari Amondawa (Cacique da aldeia Trincheira)

Imagem gentilmente cedida pelo Museu do Índio/RJ, na figura do Diretor José Carlos Levinho.



Paiajup Amondawa, à esquerda. Tari, cacique da aldeia, à direita.



<p>Tambura Amondawa</p> <p>Presidente da Associação do Povo Indígena Amondawa (APIA) e aluno da Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, campus Ji-Paraná.</p> <p>Imagem gentilmente cedida pelo Museu do Índio/RJ, na figura do Diretor José Carlos Levinho.</p>	
--	--

8.2 Especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações

Identificação de especialistas (linguistas, antropólogos, educadores) e outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção da língua. Os especialistas podem ser identificados entre pessoas de dentro ou de fora da comunidade. Devem ser identificados seus nomes, seus contatos (inclusive instituição a que pertencem) e uma lista sumária de atividades que realizam.

Nome	Contatos	É membro da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Tambura Amondawa	[telefone anonimizado] (Whatsapp)	[] não [x] sim	Elaboração de dicionário da língua
Osmar Marçoli	[telefone anonimizado] (Whatsapp)	[x] não [] sim	Aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP. Trabalha com Levantamento lexical dos povos Kawahiba do Amazonas e Rondônia.
Wesley Nascimento dos Santos	[telefone anonimizado] (Whatsapp) e-mail: wesley.nascimento.go@gmail.com w169275@dac.unicamp.br	[x] não [] sim	Pesquisador associado do Museu Emílio Goeldi e aluno de mestrado em Linguística na UNICAMP. Atualmente, realiza Documentação Linguística e Levantamento da realidade sociolinguística dos Kawahiba de Rondônia para o INDL.

9. Instituições

9.1 Escola

A seguir, são propostas duas questões básicas para se avaliar a relação entre escola e língua: **língua como disciplina e língua de instrução**.

Professores e materiais didáticos

Selecione as opções que se aplicam à língua de referência

Há professores que falam a língua de referência?

não

sim, todos ou a grande maioria (Obs.: há três não indígenas e dois indígenas)

sim, mas há muitos professores que não falam a língua

Há materiais didáticos na e sobre a língua de referência?

sim, em boa quantidade e/ou qualidade

sim, mas existem ainda muito poucos e/ou de baixa qualidade

não

Observações:

Informações sobre escolas na comunidade de referência

Neste item, sugere-se o fornecimento de informações sobre todas as escolas situadas na comunidade de referência. As informações básicas são: *nome da escola*, *localização* da escola entre as localidades de ocorrência da língua, níveis escolares contemplados, se a escola tem programas especiais como *intercultural*, *bilíngue* ou *“diferenciado”*. Em seguida, pede-se que os proponentes dos inventários forneçam informações sobre em que língua ocorre a **alfabetização**, qual(is) a(s) língua(s) de **instrução** na escola, ou seja, qual a língua usada para se ensinar as diferentes disciplinas escolares, e se a língua de referência consta como uma **disciplina** escolar. Além de identificar se esse é o caso, deve-se indicar o nome da disciplina no currículo escolar, indicar para quais anos/séries a disciplina é oferecida e em qual/quais escola(s) e localidade(s) ela é ensinada, além de apresentar uma breve descrição sobre o que trata essa disciplina. Sugere-se utilizar o quadro de observações para inclusão de demais considerações pertinentes (consultar Parte 2, seção 9.3, para mais orientações questões relativas à educação escolar).

Utilize uma tabela como esta para cada escola

Nome da Escola	Escola Estadual de Ensino Fundamental Amondawa (EEEF Amondawa)
Local	Aldeia Trincheira
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input type="checkbox"/> Sim. Explique: <input checked="" type="checkbox"/> Não Obs.: A escola oferece disciplinas sobre a cultura, e não sobre a língua.
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português. Obs.: A escola oferece disciplinas sobre a cultura, e não sobre a língua. <input type="checkbox"/> Língua de Referência

	<input type="checkbox"/> Outra. Explique:
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input checked="" type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar. Obs.: A escola oferece disciplinas sobre a cultura, e não sobre a língua. <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do 1º ano do Ensino Básico.
Até que ano escolar?	Até o 9º, ou seja, durante todo o Ensino Fundamental
Com que regularidade/frequência no ano escolar	As aulas acontecem 3x por semana
Breve descrição do que trata a disciplina	A disciplina, chamada de Língua Materna, trata basicamente dos aspectos culturais do povo, como por exemplo, o que se usa para caçar, de que são feitos os cestos etc.
Observações	

- Contexto escolar. Identificar se a situação atual das escolas está:
Classifique numa escala se a situação das escolas é favorável, indiferente ou desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola. A isso, segue-se um campo de justificativa: forneça outros detalhes não mencionados ainda e caracterize de modo geral a situação escolar.

<input type="checkbox"/> Favorável à promoção do uso da língua de referência na escola
<input checked="" type="checkbox"/> Indiferente à promoção do uso da língua de referência na escola
<input type="checkbox"/> Desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola
Justificativa e caracterização (se houver) das situações desfavoráveis para a promoção da língua no contexto escolar: <p>O uso do Português é mais comum em sala de aula e nas aulas de alfabetização. Isso principalmente se citarmos que nas aulas da professora de alfabetização em língua materna o uso para comunicação é do Português.</p> <p>Por parte dos professores, estes sempre apontam como dificuldade para a promoção da língua em sala a falta de materiais didáticos. Como temos pontuado ao longo deste relatório, não há material didático na língua.</p>

9.2 Demais serviços públicos

Identificar quais são os serviços públicos que são oferecidos na língua. Marque quantas opções forem necessárias.

<input type="checkbox"/> Saúde	Observações:
<input type="checkbox"/> Prefeitura	Observações:
<input type="checkbox"/> Outros	Observações:

9.3 Outras Instituições

Identificar se há e quais são as instituições que atuam no território da língua e se suas atividades apoiam o uso da língua de referência, quais são e de que maneira o fazem. Enfatizar os tipos de instituições que são vetores para a promoção da língua de referência. Identifique o tipo de organização, se ela é de dentro ou de fora da comunidade, e quais tipos de atividades ligadas à promoção da língua elas promovem.

	Identificação (nome e endereço)	Procedência	Atividades realizadas	Observações
Associações Representantes	APIA (Associação do Povo Indígena Amondawa); Localizada na Aldeia Trincheira, que fica no final da linha eletrônica km 64.	<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	1. representar o povo Amondawa; 2. Responsável pelas demandas sociais e políticas da comunidade frente a sociedade nacional	
Organização governamentais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input checked="" type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Organismos internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
ONGs nacionais	Parque das Águas/Ji-Paraná; Sede em Mato Grosso com escritório em Ji-Paraná/RO	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Extrativismo	Pouco atuante, segundo o presidente da APIA, Tambura.
ONGs internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Religiosas/missionárias		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Grupos/Coletivos de cultura		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Outros:	Sr. Rieli Franciscato	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Assistência	O Sr. Rieli Franciscato, coordenador da Coordenação de Trabalho Local da T.I Uru-Eu-Wau-Wau, tem incentivado a formação de

				<p> jovens Amondawa em escolas de qualidade. Recentemente, levou quatro (4) jovens para cursarem um ensino técnico numa escola com esse fim próximo ao Posto da Funai conhecido como Bananeiras. O intuito é que esses jovens obtenham conhecimento técnico para ajudar na melhora da produção de alimentos dentro da reserva indígena. </p>
--	--	--	--	--

9.4 Organizações que ameaçam a língua e a cultura da comunidade linguística

Indicar se há, quais são e o que fazem organizações que – na opinião deste dos proponentes do inventário – possam ser um fator de ameaça para a língua e para a cultura da comunidade.

Instituição	O que tem sido desenvolvido	Consequências

Módulo 5

Diagnóstico Sociolinguístico¹

Este módulo contém questões relativas à língua de referência e à comunidade linguística que se mesclam, de modo a caracterizar a língua em relação ao contexto sociolinguístico mais amplo da comunidade. Muitas das questões a serem discutidas envolvem técnicas de recenseamento linguístico ou, de modo mais geral, o que chamamos de levantamento demográfico.

1. Falantes²

Nesta seção são apresentados resultados ou estimativas da quantidade de falantes da língua de referência e de outras línguas, contando com uma breve caracterização dessas situações de contato entre línguas em nível individual: quantidade de sujeitos monolíngues (falantes de apenas uma língua, sendo essa a língua de referência ou outras), bilíngues (falantes de duas línguas) e plurilíngues (falantes de três ou mais línguas).

1.1 Número de falantes da língua de referência

Preencha o quadro a seguir com as informações requeridas sobre a quantidade de falantes das línguas de referência (em números absolutos). Quando a comunidade de referência for um recorte da comunidade linguística, preencher também a terceira coluna à direita (consultar orientações específicas sobre proficiência e definições de falantes na Parte 2, seção 2, deste Guia).

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
--	---	---

¹ Este módulo contém várias questões que devem ser respondidas somente por inventários amplos, pois requerem aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o *levantamento demográfico*.

² O Volume I traz as definições sobre os tipos de falantes e a Parte 2, seção 2, deste volume traz instruções para a definição de proficiência linguística e sua correspondência aos tipos de falantes.

Número de falantes	81	81
<i>Número de falantes parciais</i>	10	10
<i>Número de não-falantes</i>	35	35

1.2 Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes monolíngues, considerando as línguas faladas dentro da comunidade. Crie novas linhas para inserir novas línguas. Utilize o campo de observações para complementar as informações, bem como para discutir e/ou justificar as quantidades indicadas.

▪ Qual a estimativa de falantes monolíngues?

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	2	2
<i>Em português</i>	17	17
<i>Nas demais línguas faladas no território</i>		

Observações:

Não há outra língua, além do Kawahiba dos Amondawa e Português, falada na aldeia Trincheira.

1.3 Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes bilíngues na comunidade pesquisada em relação a cada uma das possibilidades indicadas a seguir (língua de referência + português e/ou língua de referência + outra língua que não o português). Utilize o quadro de observações para incluir informações adicionais e/ou para justificar/discutir as estimativas apresentadas.

- Entre os falantes da língua de referência...

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
<i>Quantos também falam português?</i>	80	80
<i>Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua</i>	0	0

Observações:

Não há outra língua, além do Kawahiba dos Amondawa e Português, falada na aldeia Trincheira.

1.4 Caracterização de situações de plurilinguismo

Responda às questões a respeito de indivíduos plurilíngues nos campos a seguir.

- Quantos são os indivíduos na comunidade que falam três ou mais línguas?

Utilize números absolutos para apresentar a estimativa.

Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
0	0

- Quais são as línguas mais comuns faladas por indivíduos que dominam mais de duas línguas
Indique as combinações de línguas em indivíduos plurilíngues mais frequentemente identificadas na comunidade.

--

2. Aquisição

Aquisição é um tema que se desdobra em duas questões. A primeira diz respeito a que línguas são adquiridas como primeira ou segunda língua na comunidade. Apresente-as

hierarquicamente e, se necessário, indique mais de uma língua na mesma posição. A segunda questão diz respeito às formas de aquisição da segunda língua pelos membros da comunidade (consultar a Parte 2, seção 6.2, para obter maiores informações).

- Qual língua é mais comumente aprendida como **primeira língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1: Português
Língua 2
Língua 3

- Qual língua é mais comumente aprendida como **segunda língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1: Kawahiba dos Amondawa
Língua 2
Língua 3

- Para as línguas adquiridas como segunda língua, indique:

Preencha com as informações requeridas quanto à aquisição da segunda língua:

- identifique a língua por meio da sua denominação;
 - informe em que fase da vida ocorre a aquisição dela (por exemplo, na infância, na idade escolar, na fase adulta, etc.); e
 - em que situações sociais (onde e com quem) a língua é geralmente adquirida (em casa com os pais, nas ruas com amigos, na escola, etc.).
- Crie, se necessário, novas tabelas para incluir mais línguas.

Língua: Amondawa	Português
Em que fase da vida dos indivíduos a língua é adquirida?	Infância
Em que contextos sociais ela está sendo adquirida?	Aldeia Trincheira com a família. Em geral, quando se trata de um casal em que um dos cônjuges é não indígena, a criança não aprende a língua dos Amondawa.

- Há diferenças notáveis entre a aquisição da língua de referência em diferentes localidades investigadas?

No quadro abaixo identifique as localidades e em que elas se diferenciam.

--

A língua Kawahiba dos Amondawa é falada somente na Aldeia Trincheira, a única aldeia desse povo. Desse modo, não há a possibilidade dela ser adquirida em outro ambiente e, portanto, haver diferenças entre a sua aquisição em lugares diferentes.

3. Transmissão da língua de referência

Esta seção contém duas entradas distintas de dados: na primeira, são requeridos os números absolutos e o percentual de falantes fluentes, parciais e não falantes em cinco faixas etárias. A segunda questão é focada na transmissão da língua de referência para a qual cada inventário indicará o grau correspondente dentre aqueles apresentados, além de uma breve justificativa para a seleção do grau (no quadro observações).

3.1 Taxa de transmissão

Com base em seu levantamento demográfico, indique os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem. Na seção 5.5 do volume 1 trazemos algumas sugestões caso a identificação da idade dos indivíduos seja um problema para certos inventários.

	Falantes Fluents [1]		Falantes com proficiência parcial [2]		Não falantes [3]	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12	6	4,76%	6	4,76%	31	24,60%
Juventude 13-25	32	25,39%	4	3,17%	3	2,38%
Adulta I 26-40	23	18,25%	0	0%	1	0,79%
Adulta II 41-60	14	11,11%	0	0%	0	0%
Idoso +60	6	4,76%	0	0%	0	0%
	81	64,28%	10	7,93%	35	27,77%
			45			35,71%

3.2 Grau de transmissão da língua

Indique o grau de transmissão da língua marcando a opção adequada. Propomos quatro níveis para a transmissão da língua, definidos da seguinte maneira: i) **estável**; ii) **em crise**; iii) **em retomada de crescimento**; iv) **interrompida**. Utilize o quadro de observações para outras considerações bem como para a discussão/ análise do grau selecionado (consultar Parte 2, seção 6.2, para mais orientações sobre os níveis).

<input type="checkbox"/> Estável
<input checked="" type="checkbox"/> Em crise
<input type="checkbox"/> Em retomada de crescimento
<input type="checkbox"/> Interrompido

Observações: Nas casas onde há mães não indígenas, todas as crianças, praticamente, não falam a língua e não estão aprendendo, segundo os indígenas.

4. Escrita e Leitura

4.1 Situação de grafias na língua

4.1.1 Identificar a existência de grafias

Identificar se a língua está atualmente sem grafia, se possui uma grafia ou se possui múltiplos modelos de grafias (e quantas).

<input type="checkbox"/> sem grafias (ágrafa) <input checked="" type="checkbox"/> com <i>uma</i> grafia <input type="checkbox"/> com múltiplos modelos de grafias. Quantas? __
Obs.: A grafia em experimento, como os próprios índios fazem notar, contém várias inconsistências, como o quadro abaixo mostra, no qual se coteja a grafia de 6 indivíduos para algumas palavras.

4.1.2 Caracterizar as grafias existentes

Deve-se produzir um diagnóstico sumário com base nas respostas às questões da tabela abaixo. Se houver mais de uma grafia, identifique cada uma com uma denominação única. Para cada grafia, utilize uma linha diferente da tabela.

Denominação da grafia	Não há
Quem elaborou? Quando? Com que propósito?	Produzida por Wany Bernardete Sampaio, provavelmente, na década de 80, durante seu curso de mestrado, como demanda dos indígenas.
Está sendo usada na alfabetização? Quem ensina? Onde?	Não
Quem a usa atualmente na comunidade?	Aqueles que estão na escola. Sendo assim, fica circunscrita a esse ambiente tão somente.
É relevante para que tipos de produtos escritos?	A grafia é restrita ao ambiente escolar, e, mesmo assim, é raramente utilizada.

4.1.3 Contrastar as grafias existentes

Utilize o quadro abaixo para contrastar as diferentes grafias, tanto sob um ponto de vista sobre o sistema de representação gráfica da língua, quanto eventuais problemas e demais diferenças entre elas.

Português	Informante 1	Informante 2	Informante 3	Informante 4	Informante 5	Informante 6
Ovo	Upia	upia	upíá	upia	upí'a	pia
caminho	Tararapea	trarapea	tararapeã	tararapea	tararapea	pea
casa	tapy'yña	tapyia	tapyia	tapyya	bokajyuia	tapyá
cabo de machado	tikuara tumakanga	jukara tymakaga	jykuara tymakanga	dynkuara tymakamga	jukara tymakanga	dikuara tymakãnga
dançar	Aekuwa	aekuawa	akuau	akuam	akuan	akuam
assado	Makaendawa	makaembyra	mokaen	amakan'e	maka ebyra	moka'em
velho	amu'i	amuin	nyman	aemana	aemana	ñyman
ruim	Imbewon	mbewo	bewon	impevon	mbewon	mbewon
favo de mel	eira tapi'ira	eira tapira	eiratapira	tapiuaeira	eira tapira	eira'tapira
gato	Mbarakaja	barakaja	mbrakaja	barakaja	barakanã	mbarakaja
72 carrapato	Ñatewyka	jateuka	jatewuka	nãteuka	ñatewuka	jatawuka
cobra	Mboja	mboja	mbuja	bujá	mbujá	mbuja

formiguinhas	tay'rema	tayrema	tayrema	tayrema	tayrema	tayrema
peixes	Pira	pira	pira	pira	pira	pira
dente	Ahaña	aanã	a'anã	a'anã	aanã	ahãña
toco de árvore	y'wa	wypekura	wypekuera	uwapekura	wopekura	wypekura
gavião	Kuandua	kuandua	kuãndua	kuadua	kuandua	kuãndua
amanhã	Kuemame	koemame	koemame	kuemame	koemame	kuemame
arraia	jawe'uhura	jaweura	jaweura	jawe'ura	jawe'ura	jawe'ura
veado	gagu'hua	y'hua	y'ua	y'wya	y'ua	ywua
terreiro	Takara	akara	akara	a'erakara	akara	akara
podre	Tyjuka	tjukeira	tjukuera	tjukeira	tuñuka	tjupawa
pai	Apin	apin	apin	pinaga	apin	apiwaga
rabo	ua'iha	waia	wa'aia	uai'já	uia aia	waija
passarinho	wyra'ia	yraia	wyraia	uwyra'hia	wyraia	wyra'ia
a casa do meu pai	tiro nga rapy'ia	dirau ga rapuia	dirogarapejia	dyranga rapyja	diruaga rapynã	diranga rapyia
apagar	Ambowen	mbowen	mbowem	abowen	bowen	ambowem

escuro	Putuna	putuna	putuna	pytuna	putuna	putun
macaxeira	Mandiywa	mandiywa	madiywa	madyuwa	anandy'ywa	mandi'ywa
rabo do jacaré	jakarea ua'iha	jaka	jakareawaia	jacareia uwaia	jakarea waainã	jarea waaja
a onça matou a queixada	jawara añyka tañau'hua	jawara ajuda taehua	ajyka jawara tae'ua	jawara adinka tanãua	jawara ajyka tainãhua	jawa adika taiahua
Pedra	Ita	ita	ita	intar	itá	ita

4.2 Textos escritos produzidos pela comunidade

Neste tópico estão contemplados diagnósticos sobre os tipos de textos produzidos na comunidade linguística, focando na língua de referência e no Português.

As pessoas da comunidade costumam escrever na sua própria língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	
Há quanto tempo existe o uso da escrita na língua de referência pela comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Há menos de 25 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 25 anos e menos de 75 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 75 anos
Pode-se dizer que existe uma tradição de textos escritos em diferentes gêneros discursivos na comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Comente a questão anterior se sua resposta for “sim”:	

As pessoas da comunidade costumam escrever em português?	<input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	Gêneros escolares como atividades realizadas na escola, como dissertação. Gêneros multimídias, como Whatsapp e Facebook.

Comente sobre as principais diferenças entre a prática de escrita e leitura na língua portuguesa e na língua de referência da comunidade

A prática de leitura e escrita na língua de referência é claramente menor do que aquela em Português, dado que as disciplinas na língua, ministradas pelos professores indígenas, não exigem algum texto de qualquer gênero escrito na língua. Diferentemente, os professores não indígenas, como é comum na escola do não indígena, sempre exigem algum texto, o mínimo que seja, escrito em português. Neste sentido, o único momento em que se pode ver alguns alunos escrevendo na língua foi quando houve uma solicitação de que eles escrevessem um texto sobre o cotidiano na aldeia.

4.3 Paisagem linguística

Na tabela abaixo, responda a questão de múltipla escolha com relação à paisagem linguística nas localidades onde vivem seus falantes, ou seja, como se dá a presença de textos escritos expostos de forma visível e acessível nos principais ambientes de circulação pública na comunidade.

Quais são os principais tipos de textos escritos que costumam estar expostos na paisagem linguística das localidades de ocorrência da língua de referência	<input type="checkbox"/> Cartazes, faixas, <i>banners</i> e cartolinas <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos públicos <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos comerciais e privados <input type="checkbox"/> Placas de trânsito, de turismo ou outras formas de sinalização em vias de circulação pública <input type="checkbox"/> Inscrições em cemitérios, muros, edifícios, paredes, rochas, árvores, etc. <input type="checkbox"/> Outros. Explique: <input checked="" type="checkbox"/> Nenhum (não há textos escritos na língua de referência expostos publicamente)
--	--

Anexar / Fazer upload de arquivos no acervo digital referentes à documentação da paisagem linguística

4.4 Proficiência em escrita e leitura

Nas tabelas a seguir, indique a quantidade de indivíduos com relação às habilidades de leitura e escrita na língua de referência (a) e em Português (b). Assumimos três níveis de proficiência: pleno, parcial e nulo. Leitura e escrita devem ser avaliadas separadamente (consultar Parte 2, seção 2, para mais orientações sobre proficiência em escrita e leitura).

▪ Língua de referência

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno	31	31	31	31
Parcial	1	1	1	1
Nulo	94	94	94	94
Observações				

- Português

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno	15	15	12	12
Parcial	23	23	26	26
Nulo	88	88	88	88
Observações				

5. Situações de usos³

5.1 Língua mais frequente

- Qual língua é usada com mais frequência nas situações cotidianas na comunidade?

Marque mais de uma se necessário. Crie uma hierarquia no caso de mais de uma língua: comece com a mais frequente e termine com a menos frequente. Este item pode ser respondido com base em um levantamento demográfico ou por conhecimentos gerais de pessoas-chave e observação etnográfica.

Língua 1: Kawahiba dos Amondawa
Língua 2: Português
Língua 3

5.2 Situações comunicativas

Discuta as diferentes situações comunicativas cotidianas na comunidade linguística tomando como base os seguintes pontos:

- Qual língua é usada em cada situação
- Qual o Âmbito/Local onde cada situação ocorre
- Quais são os interlocutores (como quem se fala) em cada situação

³ Conferir Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esse tema.

- Qual o meio de cada situação: Meio Oral/Sinal; Meio Escrito; Meio eletrônico (computador, internet, redes sociais, celular, etc.)

Na comunidade, entre pessoas com mais de 30 anos, a língua de referência predomina em todas as situações comunicativas. No entanto, pessoas com idade entre 20 e 29 anos usam o Português mesmo em situações corriqueiras, como quando jogam futebol, prática quase diária. Pessoas com idade inferior a esta tendem a usar português sempre com outros de mesma faixa etária.

O meio pelo qual a língua é mais utilizada é na sua modalidade oral, como nas conversas do dia a dia, em reuniões da associação, nas tomadas de decisão sobre alguma demanda da comunidade etc.

A única oportunidade em que se constatou seu uso na escrita foi quando se solicitou a alguns alunos do 9º ano que escrevessem um texto curto sobre sua vida na aldeia. Nas redes sociais, como Facebook, ou no Whatsapp, só se observou o uso do Português.

Anexar / fazer upload da documentação dos usos linguísticos cotidianos no acervo digital

5.3 Dinâmica dos usos da língua de referência:

Para esta questão, classifique a situação dos usos da língua de referência numa escala conforme as definições a seguir, escolhendo a mais apropriada. Em seguida, no campo “Justificativa e detalhes”, preencha com breves informações sobre a escolha do grau, além de outras considerações e análises pertinentes ao tema (consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática).

Identifique como está a situação dos usos da língua de referência a partir de um dos níveis abaixo:

[4] Uso em expansão
[3] Uso estável
[2] Uso em retração [X]
[1] Uso restrito

[0] Uso interrompido

Justificativa e detalhes:

A escolha se deve ao fato de que mesmo os jovens entre 20 e 30 anos usam o Português para conversarem quando estão na aldeia. Numa certa ocasião, um indígena queria explicações sobre como funcionava a lei em casos do não indígena que entravam na reserva para caçar sem a permissão dos índios. Após uma breve explicação sobre essa lei, esse indígena passou a falar com um parente, em Português, sobre qual seria a medida que eles, indígenas, deveriam tomar quanto a um não indígena que morava na estrada vicinal que passa em frente à T.I Uru-Eu-Wau-Wau e que estava invadindo a terra para caçar.

Nas partidas de futebol, que contam com homens de 15 a 30 anos, qualquer comentário é feito em Português. Às vezes, a impressão é de que se houver um não indígena próximo, o Português é que deve ser a língua de comunicação. No entanto, por vários momentos não havia algum não indígena por perto e o diálogo se passava em Português. As meninas que jogam bola têm idades entre 12 a 20 anos e usam a língua com mais frequência, apesar de ainda ser mais comum o uso do Português nesse momento.

Além disso, pessoas com idade superior a 30 anos sempre falam na língua. Sempre que me encontravam, me interpelavam na sua língua com expressões para “bom dia”, “aonde vai?”, “de onde vem?” etc.

➤ **Crie um quadro adicional para o português ou outra língua comunidade caso seja necessário**

5.4. Usos linguísticos especiais da língua de referência⁴

5.4.1 Identificação dos usos especiais

Identifique os tipos de usos especiais da língua de referência, ou seja, aqueles marcados por um valor cultural especial, destacados dos demais usos cotidianos na língua devido ao fato de ocorrerem em domínios sociais especiais e implicarem em uma manipulação dos repertórios linguísticos de forma diferenciada (tipos de cantos, tipos de narrativas, tipos de diálogos cerimoniais, etc. Consulte a seção 6). Faça a identificação baseada na autoidentificação da comunidade. Indique o nome (crie um se necessário), faça uma breve descrição das características formais e dos conteúdos expressos por esse tipo de uso e o domínio social no qual ocorre (onde/quando), como por exemplo, em festas tradicionais, no ambiente privado ou público, entre outros

Nome ou outra forma de identificação dos usos linguísticos especiais	Breve descrição das características formais e dos conteúdos de cada uso	Situações sociais onde tendem a ocorrer e pessoas que dominam essa forma de uso linguístico	<i>Anexar / Fazer upload arquivos no acervo</i>

5.4.2 Caracterização da situação atual dos usos linguísticos especiais

Responda as questões a seguir para cada uso especial da língua identificado na questão anterior.

Uso linguístico especial	Qual a proporção de indivíduos que conhecem atualmente esse tipo de uso?	Qual a frequência relativa que as pessoas praticam esse tipo de uso linguístico?	Como está a transmissão desse tipo de uso linguístico?
Não se sabe. Talvez os pajés tenham um uso especial da língua, no entanto, não há como verificar essa possibilidade, pois não existem mais pajés de	<input type="checkbox"/> Muitas pessoas <input type="checkbox"/> Poucas pessoas <input type="checkbox"/> Ninguém	<input type="checkbox"/> Menos do que antigamente <input type="checkbox"/> Mais do que antigamente	<input type="checkbox"/> Não há pessoas aprendendo <input type="checkbox"/> Há um número decrescente de pessoas aprendendo

⁴ Consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

povos Kawahiba de Rondônia.			<input type="checkbox"/> Há um número crescente de pessoas aprendendo
-----------------------------	--	--	---

Utilize a tabela abaixo para esclarecer a situação atual dos usos linguísticos especiais

--

6. Atitudes linguísticas da comunidade

Nesta seção estão explícitas duas questões sobre atitudes linguísticas dos falantes frente à língua de referência, mas vale lembrar que tais questões estão dispersas por todo o formulário, já que essa é a natureza do tema. Nos dois itens a seguir, espera-se que seja apresentado e discutido como as línguas funcionam (ou não) como referência cultural, como elemento de distinção e marcador de identidade(s) dos grupos (consultar Parte 2, seção 7, para maiores orientações sobre esse tema).

6.1 Grau de atitudes dos falantes com relação à língua de referência

Selecione a opção mais adequada, conforme as categorias propostas. Utilize o quadro de observações para problematizar a escolha e apresentar outros detalhes acerca do tema.

<input type="checkbox"/> Extremamente Positiva	A comunidade tem a língua como um importante valor sociocultural e procura se organizar para garantir o fortalecimento e a expansão dos usos sociais da língua
<input checked="" type="checkbox"/> Positiva	A comunidade tem a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações
<input type="checkbox"/> Indiferente	A língua não é uma questão importante para a comunidade
<input type="checkbox"/> Negativa	A comunidade não tem a língua como um valor cultural, e, em geral, é contra iniciativas para apoiar a transmissão da língua na comunidade
<input type="checkbox"/> Cindida	A comunidade encontra-se dividida: uma parte da comunidade tem uma visão positiva e outra uma visão negativa ou indiferente da língua
Observações:	
Os mais velhos, em especial o cacique da aldeia, Tari Amondawa, se sentem muito preocupados com a perda linguística e o fato de que os jovens não querem mais aprender a língua. O sentimento geral é de que a língua Kawahiba dos Amondawa fosse falada por todos e aprendida como primeira língua para	

que não houvesse monolinguismo em Português no futuro.

6.2 Atitude em relação às demais línguas

Caracterize em um texto analítico sucinto a atitude da comunidade linguística sobre as outras línguas faladas em seu território, incluindo o português (caso essa língua seja falada). Mencione, quando possível, exemplos de situações de contato linguístico, como empréstimos, diglossias, *code-switching*, entre outros.

A atitude dos Amondawa parece ser indiferente quanto ao Português, única língua falada por eles, além da língua de referência.

É interessante notar, entretanto, que tudo que entrou na cultura do povo recentemente, como escola, livro, carro, moto etc. são ou nominalizações derivações, o que transparece uma atitude positiva quanto a sua língua materna em alguns casos. O exemplo disso vem da derivação *terõhua*, que para os Amondawa significa “avião”. Morfologicamente, essa palavra é composta de *terõ* “barulho” e *-hua*, um sufixo aumentativo. Literalmente, *terõhua* é “barulho alto”.

Contudo, é possível que esses neologismos sejam da época do contato, quando nenhum deles falava Português, e por isso novidades que não são da cultura dos Amondawa foram incorporadas à língua conforme sua função ou o aspecto icônico mais saliente para os Amondawa.

Ademais, apesar dos mais velhos apresentarem um registro mais formal da língua segundo os jovens, não há um contexto de diglossia na comunidade.

7. Síntese

7.1 Língua dominante no território da língua de referência

Nesse momento, qual ou quais língua(s) a pesquisa identifica como dominante para a vida cotidiana e valores culturais na comunidade, incluindo os fatores consideradas nesse diagnóstico (aquisição, transmissão, usos, atitudes)? É possível estabelecer uma hierarquia entre as línguas nesse sentido?

Essa questão é uma síntese de todo o item “usos linguísticos”. Para responder essa questão sugerimos que a relevância social da língua seja avaliada com base nos seguintes critérios: 1) **Demografia**; 2) **Aquisição**; 3) **Domínios sociais**; 4) **Valor cultural**. Conferir Parte II, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

Língua 1	Kawahiba dos Amondawa
Língua 2	Português
Língua 3	
Justificativa: A predominância do Kawahiba dos Amondawa em vários contextos frente ao Português é o principal argumento para essa escolha. A quantidade de falantes atualmente de Kawahiba dos Amondawa é superior a de falantes monolíngues em Português.	

7.2 Panorama das línguas em contato

No campo abaixo, apresente uma breve análise e discussão de como diferentes línguas coexistem na área de abrangência da pesquisa. Utilize como guia as questões abaixo, além de outras consideradas pertinentes.

- Há uma quantidade considerável de indivíduos bilíngues ou plurilíngues?
- As famílias nucleares e as comunidades tendem a ser multilíngues?
- Existe(m) língua(s) francas para a comunicação entre os grupos?
- Como as diferentes línguas circulam nos espaços de convivência social na região?
- Há línguas que estão em risco devido ao aumento no uso de outras línguas?
- Há elementos linguísticos e/ou comportamentos verbais recorrentes entre as línguas? Quais?

- Há uma quantidade considerável de indivíduos bilíngues ou plurilíngues?

Com exceção de dois Amondawa monolíngues e dos 42 que não falam a língua, todos os demais são bilíngues em Kawahiba dos Amondawa e Português.

Módulo 6

Avaliação da vitalidade linguística, revitalização e promoção

Este módulo do formulário consolida o diagnóstico da vitalidade linguística e das ações existentes e futuras de valorização e promoção da língua.

1. Ações de revitalização e promoção

Nos campos a seguir, identifique e caracterize ações de valorização e promoção da língua de referência já existentes e outras indicadas pela comunidade como demandas (consultar Parte 2, seção 9, para maiores orientações sobre o tema).

1.1 Identificação e caracterização de ações de revitalização e promoção

- Identifique e caracterize as principais ações de valorização e promoção que a língua possui atualmente

No quadro a seguir, utilizando quantas linhas forem necessárias, identifique as ações de valorização ou promoção nas quais a língua esteja envolvida atualmente ou que tenham ocorrido recentemente. Para tal, denomine a ação (como encontro de falantes; oficinas para elaboração de material didático; etc); os atores envolvidos, ou seja, quem participa dessas ações, como professores; agentes de saúde; etc; as atividades desempenhadas e demais observações pertinentes a essas ações.

Denominação da ação	Atores envolvidos	Atividades desempenhadas	Observações
Confecção de dicionário	Tambura Amondawa	Levantamento lexical	
Documentação linguística digital	Wesley Nascimento dos Santos	Documentação da cultura verbal	O pesquisador tem treinado dois jovens Amondawa para gravarem, editarem e confeccionarem mídias de CD e DVD com material coletado com anciãos da aldeia.
Formação em Magistério	Projeto Açai e indígenas Arikam Amondawa e Makyna Amondawa.	Formação de professores indígenas para atuarem na educação básica da escola da aldeia	Recentemente, o indígena Arikam foi descredenciado da escola, dado que outro indígena Amondawa está cursando o nível superior e foi aprovado em concurso para integrar o quadro docente da escola. Espera, no entanto, a sua convocação

			<p>para tomar posse.</p> <p>O jovem Makyna ainda está cursando o magistério e não há expectativa de, ao terminar, ser contratado, haja vista a não existência de vagas para mais indígenas.</p>
--	--	--	---

1.2 Propostas da comunidade para a salvaguarda da língua

- Identifique, em quantas linhas forem necessárias, as propostas da comunidade para a salvaguarda da língua, explicitando para cada uma delas a sua justificativa, seu nível relativo de prioridade em relação às demais demandas, as ações necessárias esperadas, os atores potenciais (quem seria mobilizado para tal iniciativa), as pessoas ou instituições a quem devem ser encaminhadas as demandas e demais observações pertinentes.

Propostas	Justificativa	Prioridade	Ações necessárias	Pessoas ou instituições a serem encaminhadas as demandas	Observações
Assessoria para resolver problemas de ortografia		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Assessoria para montar um programa de revitalização da língua		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Documentação digital da língua e cultura verbal por meio de gravações de áudio e de vídeo, com cópias para o uso da comunidade		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Treinamento		<input checked="" type="checkbox"/> Alto			

em documentação digital		<input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Aquisição de equipamentos para gravação e edição de áudio e vídeo (somente onde já existe treinamento suficiente)		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Documentação escrita da língua, dicionários, coletâneas de histórias, etc		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Correção de materiais didáticos existentes e aumento da sua quantidade		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Confecção de mais matérias didáticas na língua		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Uso da língua como meio de instrução (na medida possível)		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Ensino da língua como disciplina na escola (se não já existe)		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			

Ensino de conhecimentos tradicionais na escola		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Apoio para festas e outras práticas tradicionais que usam a língua		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Reconhecimento de língua como referência cultural		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Oficialização da língua		<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			
Proteção contra pessoas ou organizações que se oponham a cultura verbal tradicional (por exemplo festas tradicionais, pajelança)		<input type="checkbox"/> Alto <input checked="" type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo			

2. Vitalidade linguística

A classificação das línguas na escala de vitalidade linguística deve seguir três passos básicos: 1. A determinação do índice de GRAU DE TRANSMISSÃO e DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA, critérios respectivamente primário e secundário; 2. A percepção da relevância dos critérios adicionais; 3. A indução do grau de vitalidade da língua com base numa interpretação dos critérios acima, bem como de demais fatores diagnosticados que possam ajudar a traçar um quadro prospectivo do futuro da língua. A combinação dos critérios primário e secundário definem a priori certas possibilidades de classificação das línguas, mas não são critérios absolutos. Conforme se vê na tabela a seguir, alguns graus são idênticos com relação aos critérios primário e secundário. Cabe às equipes executoras dos inventários interpretar os critérios adicionais para decidir o grau (mais ou menos) preciso em que a língua se encontra (consultar Parte 2, seção 10, para maiores orientações sobre os níveis e critérios de classificação das línguas).

2.1 Grau de vitalidade da língua

Selecione a alternativa adequada para aferir o grau de vitalidade da língua de referência. Utilize a tabela a seguir para essa seleção.

<input type="checkbox"/> 6 Forte
<input type="checkbox"/> 5 Vulnerável
<input type="checkbox"/> 4 Ameaçada
<input checked="" type="checkbox"/> 3 Severamente Ameaçada
<input type="checkbox"/> 2 Desaparecendo
<input type="checkbox"/> 1 Adormecida
<input type="checkbox"/> 0 Extinta

GRAU DE VITALIDADE	CORRELAÇÃO ENTRE OS CRITÉRIOS		
	TRANSMISSÃO DA LÍNGUA	DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA	ADICIONAIS
6-Forte	ESTÁVEL	EM EXPANSÃO	a) Tamanho populacional para falantes nativos e potenciais b) Graus de atitude c) Situação escolar d) Qualidade e Quantidade de Documentação sobre a língua e) Falantes de Referência <i>outros...</i>
5-Vulnerável	ESTÁVEL	ESTÁVEL	
4-Ameaçada	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
3-Severamente Ameaçada	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
	INTERROMPIDA	RESTRITO	
2-Desaparecendo	INTERROMPIDA	RESTRITO	
1-Adormecida	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Há falantes potenciais em um bom número
0-Extinta	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Não há falantes potenciais

2.2 Fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua

Descreva em um breve texto analítico os principais fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua.

A língua se encontra severamente ameaçada por conta da falta de estímulo para a manutenção, bem como vários outros fatores, como o acesso a instrumentos não pertencentes a sua cultura e que estão disponíveis somente em Português, o que, talvez, leve os indígenas a ter uma atitude mais positiva, no futuro, quanto ao Português.

Whatsapp e Facebook, no caso dos jovens, e mesmo alguns adultos homens, bem como a televisão, são alguns dos instrumentos que têm presença constante durante o dia a dia e levam à diminuição da comunicação dos jovens com os falantes proficientes.

A cultura verbal, em geral, como cantos, danças etc. já não tem sua manutenção realizada tão constantemente. Tem acontecido, neste sentido, somente a Festa da Menina Moça, momento em que há a designação, para matrimônio, de um rapaz a uma moça que recentemente tenha menstruado.

As mulheres com mais de 25 dificilmente assistem à TV, pois se dedicam aos cuidados dos filhos, da casa, bem como trabalham na secagem do que produzem, como o arroz, milho e mandioca, quando os homens estão na roça.

No entanto, com aqueles que não dominam a língua, ou são bilíngues passivos, em geral, caso

dos adolescentes, a comunicação é em Português. Além disso, como mostra o diagnóstico de proficiência dos falantes, dos 126 Amondawa, 45 não falam a língua, o que representa em percentagem o número 35,71% da comunidade linguística.

Também é de se notar a predominância do Português na escola. A dificuldade é ainda maior para os professores indígenas, pois não há material didático na língua, diferentemente do Português, que têm vários livros didáticos à disposição e que sempre chegam à escola a cada ano.